

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E  
COMUNICAÇÃO  
DCSO – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**Patrícia Medeiros de Oliveira**

Produção do livro-reportagem: *Coimbra, um roteiro  
à brasileira*

Bauru  
2010

**Patrícia Medeiros de Oliveira**

Produção do livro-reportagem: *Coimbra, um roteiro  
à brasileira*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela estudante Patrícia Medeiros de Oliveira, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, em novembro de 2010.

Bauru  
2010

## Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões (orientador)  
Departamento de Ciências Humanas da FAAC  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha  
Departamento de Comunicação Social da FAAC  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof. Dr. Cláudio Coração  
Departamento de Comunicação Social da FAAC  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

## Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof<sup>o</sup> Dr. Marcelo Magalhães Bulhões, pelas sugestões e direcionamentos precisos durante a execução deste trabalho;

Aos meus pais, Fátima e José, pelo amor incondicional e por toda dedicação;

Aos meus irmãos, Pri, Lê e Cris, pela cumplicidade, carinho e por todos os mimos;

À minha avó, Carmella Sfriso (*in memoriam*), por me ensinar a viver com ternura;

Às minhas tias, Deusa e Francisca, pela doce presença e pelo apoio incondicional;

Aos amigos unespianos, Gui Stifter, Gus Padovani e Viv's Federicci, pelo carinho e por todas as experiências compartilhadas;

Às bixetes mais veteranas, Aninha Campos, Flá Costa e Cá Samogin, por estarem ao meu lado durante as turbulências deste último ano;

Ao *Programa de Bolsas Luso-brasileiras*, do Banco Santander, por possibilitar a realização do meu intercâmbio;

Aos amigos que o intercâmbio me trouxe, Denise Gasparetto, Patrícia Barbalho, Flávia Barbalho, Carlos Cauás, Rany Matos, Daiane Ferla, Michele Pimel e Thiana Cabral, por serem a razão deste trabalho.

# Sumário

Resumo.....	07
Introdução.....	08
<b>PARTE A – FUNDAMENTACAO TEÓRICA</b>	
1. A reportagem.....	09
1.2 A reportagem em livro.....	10
1.2.1 Um breve histórico.....	10
1.2.2 Conceito.....	11
1.3 A perspectiva do repórter na narrativa.....	12
<b>PARTE B – PRODUTO JORNALÍSTICO</b>	
1. A produção do livro-reportagem “Coimbra, um roteiro à brasileira”.....	15
1.1 Projeto editorial.....	15
1.1.1 Definição e estruturação dos capítulos.....	16
1.1.2 A linguagem.....	19
1.1.3 Observação participante.....	20
1.1.4 Captação das informações.....	20
1.1.4.1 Entrevistas e depoimentos.....	20
1.1.5 A definição do título.....	21
1.2 Projeto gráfico.....	21
1.2.1 Diagramação.....	22

1.2.2 Fotos.....	22
1.2.3 Características técnicas do produto.....	23
2. O produto concretizado.....	23
3. Considerações finais.....	73
Referências Bibliográficas.....	74
Anexos.....	77

## **Resumo**

Este trabalho de conclusão de curso consiste na produção do livro-reportagem *Coimbra, um roteiro à brasileira*. O livro em questão tem como base a experiência da aluna como intercambista na Universidade de Coimbra, durante o período entre setembro de 2008 a fevereiro de 2009.

O livro aborda os principais pontos turísticos da cidade a partir da perspectiva da estudante. Pretende-se com esse produto trazer ao leitor um relato que vá além da abordagem tradicional feita pelas editorias de turismo sobre a cidade de Coimbra.

## **Introdução**

A intenção neste trabalho é explorar os recursos do jornalismo, principalmente aquele que privilegia a inserção do repórter em determinada realidade, a partir da produção de uma grande-reportagem em livro. No produto *Coimbra, um roteiro à brasileira*, tentou-se transmitir um pouco da história de Coimbra (Portugal), seus pontos turísticos, além de fornecer elementos para se conhecer a cultura portuguesa. Trata-se de uma tentativa de experimentar uma linguagem e um estilo que vá além das práticas cotidianas do jornalismo tradicional, nomeadamente o lead.

Este relatório está dividido em duas partes. Na **Parte A** forneço elementos teóricos sobre reportagem, livro-reportagem e sobre a inserção do repórter na narrativa (observação participante). Na **Parte B** relato como foi o processo de produção do livro-reportagem e detalho as minhas escolhas editoriais e gráficas. Nessa parte, o leitor encontrara o livro na íntegra (versão não diagramada).

Os anexos desse trabalho contêm informações adicionais relacionadas à depoimentos e entrevistas. No anexo 1, trago depoimentos de outros intercambistas brasileiros que também fizeram intercâmbio em Coimbra. No anexo 2, trago duas entrevistas. A primeira com a portuguesa Sara Oliveira e a segunda com o arqueólogo Jorge Alarcão.



## PARTE A – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1 A reportagem

A reportagem é um gênero jornalístico que teve sua origem por volta de 1920, com o surgimento das revistas semanais (LIMA, 2009). Ela fornece ao público uma informação mais detalhada e contextualizada, ampliando a abordagem dada pela notícia.

O instrumento básico para o relato jornalístico é a notícia, forma de comunicação que condensa a reprodução dos fatos sociais. Mas como há temas que requerem abordagem mais ampla, o jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem, que nos casos mais felizes oferece, em torno do núcleo frio que marca a face árida de um acontecimento, todo um contexto embelezado pela dimensão humana, pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de suas causas, pela indicação dos rumos que poderá tomar (LIMA, 1998, p.10).

Sodré fornece outros elementos que ajudam a caracterizar esse gênero. Para o autor, a reportagem é o espaço da narrativa por excelência.

Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada, entretanto, da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa (SODRÉ, 1986, p.9).

A narração não é algo exclusivo da ficção, ela faz parte do jornalismo desde que pautada na realidade factual. Tida por Sodré como extensão da notícia, a reportagem pode estar ligada à humanização do relato. É o repórter aquele que testemunha e participa da ação, a “ponte” entre o leitor e o acontecimento (SODRÉ, 1986).

Sodré elenca quatro características fundamentais da reportagem: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. O autor acredita que, dependendo do assunto da reportagem, uma ou outra característica pode aparecer em maior ou menor destaque. No

entanto, para ser considerada reportagem, a narrativa sempre tem que estar presente. (SODRÉ,1986).

Sodré aponta uma vantagem da reportagem em relação à notícia: ela não está presa à atualidade. Reportagens podem surgir a partir de um fato que já foi anunciado, mas elas têm maior liberdade para contextualizar e aprofundar determinado assunto.

## **1.2 A reportagem em livro**

### **1.2.1. Um breve histórico**

Foi a partir da reportagem “Hiroshima”, de John Hersey, em 1946, na revista *The New Yorker*, que o formato livro-reportagem começou a ganhar forma. Ocupando a edição inteira da revista, devido ao grande sucesso, a reportagem foi publicada posteriormente em livro-reportagem.

Percebendo a existência do espaço vazio deixado pelos escritores de ficção da época, os jornalistas americanos dos anos 60 começam a vivenciar a realidade social para contar o que estava acontecendo no país. Começam pela matérias frias nos jornais diários, passando então para as edições dominicais dos mesmos, crescendo até atingir as revistas independentes como a *The New Yorker* e *Esquire*. Posteriormente desdobram seus talentos sobre o veículo tido como mais adequado para renovação estilística, ou seja, o livro-reportagem.

E, assim, em 1966, o jornalista e escritor Truman Capote publica a primeira grande obra do *New Journalism* em formato de livro-reportagem: *A sangue frio* (resultado de uma investigação de vários meses sobre a chacina de uma família de Holcomb, interior do Kansas, nos EUA). Da mesma geração de Capote, pode-se destacar ainda jornalistas como Tom Wolfe, Norman Mailer, Gay Talese, entre outros autores que também contribuíram de forma significativa para o reconhecimento do livro-reportagem.

No Brasil, a difusão do livro-reportagem começou a ser impulsionada, principalmente, a partir da década de 70. Destacam-se obras como *A ilha*, de Fernando Morais. Com o fim do da ditadura, no início dos anos 80, grandes jornalistas elaboraram um relato fiel daquilo que presenciaram nos anos anteriores. Alguns exemplos são *1968*

– *o ano que não acabou* de Zuenir Ventura e, mais recentemente, os dois primeiros volumes da série *Ilusões Armadas* de Elio Gaspari.

Há ainda outros renomados jornalistas como, por exemplo, Ruy Castro, com *O Anjo pornográfico* (biografia de Nelson Rodrigues) e *Chega de Saudade* (sobre a Bossa Nova), e Caco Barcellos, com *Rota 66* (sobre a polícia em São Paulo) e *Abusado* (sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro), que se dedicam à produção de livros-reportagem baseados em consistente documentação.

### 1.2.2. Conceito

Os livros-reportagens têm ganhado espaço e destaque cada vez maior no mercado editorial brasileiro. Tendo como estrutura a reportagem, o livro-reportagem pode ser sobre os mais variados temas: biografias, perfis, relatos de acontecimentos, memórias.

Eduardo Belo define o livro-reportagem como algo complementar as outras produções jornalísticas e que pode enriquecer os temas tratados cotidianamente pela imprensa.

[...] livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa (BELO, 2006, p.41).

Assim como a reportagem, o ponto de partida do livro-reportagem é o “real”, o factual, mas um factual que pode ser desdobrado em inúmeros enfoques e retrabalhado de forma mais ampla, possibilitando ao leitor um cenário mais contextualizado que normalmente não se encontra na imprensa cotidiana. Para além do texto, o livro permite a inserção de fotografias, ilustrações, charges, enfim, diversos recursos podem ser trabalhados no projeto gráfico.

Dos elementos que compõem o livro-reportagem como sub-sistema do jornalismo, seu catalisador, ou disparador, é a *grande-reportagem*, assim como no jornalismo cotidiano o catalisador é a notícia. São as técnicas da

reportagem de que se vale o livro de relato do real para se comunicar. É visando uma narrativa ampliada que o jornalista se propõe a produzir um livro-reportagem. É na expectativa de encontrar a explicação que o jornal não deu ou de ser informado das ações de bastidores, subjacentes à ocorrência relatada na revista, que o leitor pode motivar-se a um aprofundamento na grande-reportagem que o livro propõe (LIMA, 2009, p.39)

Eduardo Belo defende que para uma reportagem se transformar em um livro é preciso que o assunto tenha uma durabilidade maior, não seja tão “perecível” quanto uma notícia. Para o autor, forma, conteúdo e a dimensão diferenciam o jornalismo em livro do praticado em outros meios. A mensagem deve ser atrativa, completa e límpida. Para se conquistar esse resultado, Belo acredita que a documentação e a apuração são as principais ferramentas. Além disso, humanizar o relato faz parte dos requisitos de um bom livro-reportagem. É a partir da humanização que a leitura se torna atrativa e mais “palatável”.

Belo considera o livro-reportagem um produto jornalístico que tem em seu texto a essência do jornalismo tradicional: poucos adjetivos e muita informação. No entanto, isso pode ser alcançado através de uma linguagem mais experimental.

### **1.3. A perspectiva do repórter na narrativa – a observação participante**

O produto deste relatório, o livro-reportagem *Coimbra, um roteiro à brasileira*, ao contrário da objetividade predominante na maior parte das produções jornalísticas, assume discursivamente a subjetividade. A narrativa se constrói a partir da minha perspectiva como intercambista brasileira na Universidade de Coimbra. Eu assumo, ao longo do livro-reportagem, o “eu” do repórter para transmitir uma visão sobre a cidade de Coimbra. No entanto, o fato de assumir essa subjetividade não significa que o levantamento e a pesquisa jornalística deixaram de ser realizados. Foi reunida uma intensa documentação sobre Coimbra, a Uc e Portugal para posteriormente elaborar o conteúdo do livro.

Em relação a essa subjetividade explicitada, a jornalista Maria Pia Sica Palermo teorizou sobre o conceito de “observação participante”. Em sua dissertação *Viver na pele do outro: o uso da observação participante na realização da reportagem*, Palermo

defende que o trabalho do jornalista pode ser composto não apenas pelo o que ele viu e ouviu, mas também pelo o que ele vivenciou.

[...] O importante é fazer parte do que vai reportar. Como o antropólogo que se desloca e vai a campo buscar informações para seu estudo, o repórter usa o método da observação participante para conviver com a matéria-prima de seu trabalho. Para debruçar-se sobre o material com o qual trabalha, a ocorrência social, o jornalista vai além da observação e passa a conviver e experimentar essa realidade sobre a qual vai escrever, cumprindo com sua tarefa informativa e orientativa (PALERMO, 2001, p.11).

A pesquisadora acredita que essa “aproximação maior da realidade” possibilita ao jornalista transmitir uma informação de forma aprofundada, fruto de uma captação que fez uso de todos os seus sentidos. Sobre a observação participante, ela declara

[...] A observação participante é um dos meios pelos quais o repórter acredita poder ampliar o seu nível de apreensão daquilo que vai contar. O repórter observa e vive a realidade que vai descrever e obtém assim, além do testemunho dos demais personagens, sua própria vivência, sensações, impressões. Isso faz parte de sua função de buscar e relatar informações que colaborem para uma certa compreensão do mundo. Nos casos em que se usa a técnica, o tema da pauta nem sempre está atrelado ao factual, mas muito mais à compreensão de algum fenômeno social, tratado de forma mais aprofundada. Pode-se dizer que através do método o fazer jornalístico convencional, aquele que se resume a obter depoimentos e agrupá-los num texto e que corre com a pressa do dia-a-dia, consegue respirar (PALERMO, 2001, p.51).

Palermo afirma que essas reportagens, fruto da experiência do repórter, diferem das reportagens tradicionais devido à “intensidade”, ao “convívio” e à “participação no ambiente que vai reportar”.

[...] podemos dizer que a eficiência informativa de uma reportagem em que o repórter integrou e “viveu” o objeto de seu relato não sofre abalo nocivo por sua inserção no meio. Sente-se sim um resultado mais aprofundado pelo convívio, tempo e tipo de observação e vivência como sujeito (na pele de um personagem ou jornalista) que partilha de uma determinada realidade. A isso se pode atribuir a maior “precisão”, no sentido de pretender ser o mais fiel (preciso) em relação ao objeto do trabalho e também pelo fato de o mito da objetividade, nesses casos, dar uma trégua ao repórter (PALERMO, 2001, p.18).

A jornalista acredita que, ao contrário do que se pode supor, o relato obtido a partir da observação participante é mais fiel à realidade.

[...] Essa viagem ao alvo de análise, independentemente do tipo de observador que se encarne [...] visa a compreender melhor, ser mais fiel ao objeto de estudo ou de uma reportagem. Isso pode se realizar graças a uma aproximação física intensa, que ajudaria a captar a naturalidade e peculiaridades da realidade sobre a qual vai se falar. Daí a idéia de que o resultado é mais fiel, porque o ângulo do qual se olha é, aparentemente, o mais adequado e isento graças à proximidade que se ocupa. E, além disso, permite que o autor (pesquisador/repórter) do trabalho acabe experimentando essa realidade, o que o autorizaria a colocar-se na história até explicitamente. O jornalista pode deixar de ser apenas um interlocutor através do qual os outros falam e passar a contar também com outra voz, a sua (PALERMO, 2001, p.29).

Sobre esse “colocar-se na história”, Palermo defende que é permitido ao jornalista, que faz uso da observação participante, transmitir suas impressões e sensações pessoais. No entanto, é preciso cuidado para que “não se corra o risco de cair num relato com um forte tom autobiográfico” (PALERMO, 2001). A pesquisadora alerta para que em condições na quais são assumidas o “eu” do repórter, os padrões jornalísticos devem ser preservados.

De uma certa maneira, a observação participante pode ser considerada como uma forma de permitir que o profissional seja assumido como alguém que participa da produção do relato que está sendo apresentado [...] o nome que designa o profissional num trabalho desses (observador participante) já reconhece que há uma interferência naquele meio pela participação. Isso provoca reações no repórter expressas em última instância no texto. No caso do jornalista, iludido e persuadido pelo dever e a possibilidade da objetividade, partir para uma pauta na qual poderá e terá que sentir, cheirar, experimentar e participar da vida dos outros representa, sem dúvida, um desafio (PALERMO, 2001, p.43 e 44).

Tendo isso em mente, o livro-reportagem *Coimbra, um roteiro à brasileira* foi produzido a partir da observação participante somada ao uso de técnicas básicas do jornalismo.

## **PARTE B - PRODUTO JORNALÍSTICO**

### **1. A produção do livro-reportagem “Coimbra, um roteiro à brasileira”**

Nesta segunda parte deste relatório, descrevem-se as características editoriais e gráficas do livro-reportagem *Coimbra, um roteiro à brasileira*.

Inicialmente, é importante esclarecer a motivação deste livro-reportagem. Após ser selecionada pela Arex/Unesp para integrar o programa de Bolsas Luso-brasileiras, do Banco Santander, eu tinha em mente desenvolver algum projeto jornalístico a partir da minha experiência em Coimbra. A intenção era trazer alguma contribuição tanto para a Unesp quanto para os brasileiros, proporcionando a “troca” que o intercâmbio traz em seu cerne. No entanto, não havia definição do que seria feito, pois não se sabia ao certo como seria o intercâmbio.

Ao longo dos 6 meses em que estive em Coimbra, colhi todo tipo de informação sobre a cidade, a universidade e o país. Isso foi feito por meio de entrevistas e consulta a documentos e livros em bibliotecas locais. Somou-se a isso minha experiência, observação e troca de informações com outros intercambistas.

Após retornar ao Brasil, em fevereiro de 2009, tinha comigo vasto material historiográfico e fotográfico, mas a definição do que seria feito com isso foi postergada para 2010. Foi a partir de março/2010 que optei pelo livro-reportagem como formato.

A organização e seleção de todas as informações históricas demandaram um tempo relativamente grande e dificuldades sobre a relevância das informações surgiram ao longo do processo. Foi preciso achar um equilíbrio entre essas informações e o relato da experiência pessoal.

Pretende-se, com este produto, trazer ao leitor um relato que vá além da abordagem tradicional feita pelas editoriais de turismo, sejam elas em jornais, revistas e sites, sobre Coimbra.

#### **1.1. Projeto editorial**

*Coimbra, um roteiro à brasileira*, é um livro-reportagem que propõe ao leitor uma espécie de roteiro de viagem. Esse roteiro foge dos padrões consagrados em guias

de viagem através de um relato mais subjetivo, pautado na experiência da aluna como intercambista na Universidade de Coimbra (Uc). Em linhas gerais, o livro expõe os principais pontos turísticos da cidade a partir da ótica de uma brasileira.

O livro-reportagem tem como público-alvo turistas em potencial, pessoas interessadas em história e cultura. Além disso, estudantes que almejem fazer intercâmbio, para Portugal ou qualquer outro local, podem obter informações sobre a experiência da repórter. Aqueles que se interessarem, particularmente, por Portugal encontrarão um relato sobre Coimbra.

### **1.1.1. Definição e estruturação dos capítulos**

O auge da minha estadia no intercâmbio foi a Festa das Latas (Latada), evento acadêmico de recepção dos calouros na universidade. Como Coimbra é uma cidade que gira em torno da Universidade, a 3ª mais antiga da Europa, escolhi como fio condutor do livro-reportagem o caminho que os alunos fazem no cortejo da Latada. Esse cortejo tem por objetivo “batizar” os calouros recém-chegados ao universo acadêmico.

O caminho feito pelo cortejo é: calouros e veteranos saem da Universidade, no alto da cidade, em direção ao Rio Mondego, onde é feito o batismo dos calouros. Após sair da universidade, os alunos passam pela Praça da República, caminham até a Baixa da cidade e chegam ao Mondego.

Tendo como base esse roteiro feito no cortejo da Latada, os capítulos do livro foram definidos. O livro está organizado em três partes. A 1ª parte trata-se exclusivamente de Coimbra. Ela é constituída pelos capítulos 1, 2, 3 e 4 que retratam os principais pontos turísticos e históricos da cidade. Já na 2ª parte, optei por falar sobre algumas cidades próximas a Coimbra, as quais visitei e fizeram parte da minha experiência no intercâmbio. Mesmo sabendo que o foco do livro é Coimbra, a 2ª parte funciona como um complemento para os leitores que quiserem ter um olhar para além da cidade. Essa 2ª parte é breve, já que não residi nas cidades abordadas, apenas passei algumas horas nesses locais. Finalizando o livro, a 3ª parte tem um tom diferente das anteriores. Aqui eu me coloco mais e relato como foi estar em Portugal, o convívio com os portugueses e os brasileiros, as diferenças culturais e, por fim, o “saldo” da viagem.



No que se refere a cada capítulo, optei por pequenos textos para que diferentes conteúdos pudessem ser abordados sem comprometer o todo do capítulo. Em cada capítulo há intertítulos que funcionam como subcapítulos dentro do seu respectivo capítulo. Além disso, informações que de alguma forma pudessem interromper o fluxo de leitura (mas que eu considero importantes) foram inseridas na lateral da página em que o assunto foi abordado. Dessa forma, o leitor só consultará a informação se tiver curiosidade e considerar relevante.

### *1ª parte: A pequena Coimbra*

Início o livro descrevendo o ápice da minha estadia em Coimbra: o cortejo da Festa das Latas (Latada). Pretende-se introduzir o leitor sobre o que ele encontrará nas páginas seguintes: um roteiro para conhecer Coimbra a partir daquela que foi e ainda é sua maior vocação – a estudantil.

É através da ótica estudantil que busquei retratar a cidade. A partir da minha vivência como aluna da Uc é que o relato se constrói. No entanto, outro fator interfere nesse processo: fui uma intercambista brasileira. Diante desse “status”, o relato não é apenas o de uma estudante, mas também de uma turista que se insere em uma cultura diferente da sua. O olhar estrangeiro é que parece dar o tom à reportagem que se construiu sobre a cidade de Coimbra.

### **Capítulo 1: Universidade de Coimbra**

Escolhi iniciar o capítulo com a narração do percurso que fazia, habitualmente, para chegar à Universidade de Coimbra (Uc). Tento fornecer, ao leitor, elementos que possam ajudá-lo a compreender a paisagem e as diferentes nuances arquitetônicas da cidade. O foco, posteriormente, se torna os edifícios da Universidade de Coimbra e a rotina acadêmica.

### **Capítulo 2: Praça da República e arredores**

A existência desse capítulo se justifica na medida em que considero a Praça da República um importante centro para onde os habitantes da cidade convergem e convivem de diferentes formas. Há uma breve descrição de como se estrutura a Praça da

República, possibilitando ao leitor formar uma ideia de como é o local. Após essa introdução, através de 3 subcapítulos, busquei trazer informações sobre locais que considero fundamentais para compreender um pouco da história da cidade. São eles: TAGV, AAC, Jardim Botânico e Penedo da Saudade.

### **Capítulo 3: A Baixa**

Assim como a Praça da República, a região da Baixa é essencial na dinâmica da vida em Coimbra. Essencialmente comercial, a Baixa “transpira” história, seja em suas ruelas ou em suas igrejas e até mesmo em seus comércios.

### **Capítulo 4: Mondego**

Considero o Rio Mondego um local extremamente importante, não apenas pelo seu valor ambiental, como também histórico. Além de ser o único rio que nasce em território português, suas margens presenciaram a trágica história de amor entre Pedro e Inês de Castro. Tento transmitir um pouco desse clima ao leitor através dos subcapítulos *Onde o corpo repousa e a alma flutua* e *O amor eternizado em um jardim*.

#### *2ª parte: Para além de Coimbra*

Na 2ª parte do livro, escolhi romper com a sequência que foi proposta para a 1ª parte do livro, em que se tratou apenas da cidade de Coimbra, para trazer uma sugestão de lugares próximos a Coimbra a serem visitados por turistas que queiram conhecer mais sobre Portugal.

Pretendeu-se, com essa “quebra” na sequência, possibilitar ao leitor um breve panorama para além de Coimbra. Em “**Paisagens que revelam o país**”, o relato é breve e privilegiam-se as fotografias para fornecer indícios do que se encontrará nos locais. Foram escolhidas as seguintes cidades: Montemor-o-Velho, Conímbriga, Bussaco, Óbidos, Alcobaça, Batalha, Tomar e Guarda.

A escolha dessas cidades deve-se exclusivamente à minha experiência no país. Cidades como Porto e Lisboa não entraram nessa lista, pois acredito serem essas as cidades que mais são divulgadas em reportagens feitas sobre o país. O objetivo é justamente revelar ao leitor que existem belezas a serem descobertas em pequenas cidades.

Esse capítulo não foi numerado e incluído na sequência dos outros, pois ele possui um caráter autônomo. Dificilmente é possível relacioná-lo com a sequência da narrativa, que tem como foco a cidade de Coimbra. Para demonstrar essa autonomia, foi feito uma diagramação especial. Assim, o leitor poderá perceber, não apenas no texto, mas também visualmente, que a sequência aqui foi quebrada para se falar de algo que não é Coimbra, mas se trata de Portugal.

### *3ª parte – A repórter revela*

A última parte do livro refere-se à narração da minha experiência pessoal. Aqui revelo o que é viver em Coimbra, como são os estudantes da Uc e, por fim, o que a viagem representou para mim.

### **Capítulo 5: Brasileiros em Portugal**

Por meio de estáticas e experiências pessoais, pretende-se situar o leitor em como os brasileiros vivem em Portugal, país que apesar de se declarar irmão transatlântico do Brasil mantém preconceitos e estigmatiza os brasileiros como prostitutas e malandros. A partir de estudos de órgãos oficiais e da minha perspectiva, contextualiza-se o que é ser brasileiro em Coimbra.

### **Capítulo 6: Retrato de uma lisboeta**

Nesse capítulo o objetivo é fornecer ao leitor elementos para que se construa uma espécie de perfil da estudante da Uc, Sara Oliveira. A importância desse capítulo é dar “voz” a uma portuguesa.

### **Capítulo 7: A experiência da repórter**

Para finalizar o livro-reportagem, optou-se por enfatizar o que foi a minha experiência pessoal em Coimbra.

#### **1.1.2. A linguagem**

Procurou-se transmitir as informações de maneira clara e objetiva, mas com maior ousadia e “experimentação” em relação ao que normalmente se pratica na elaboração de notícias diárias, em que se convencionaram o *lead* e a pirâmide invertida como modelos do jornalismo industrial.

Pretendeu-se seguir o que Eduardo Belo sugere para os textos de um livro-reportagem.

O texto do livro jornalístico não precisa ser um texto telegráfico, curto, direto, relatorial, sem vida e até burocrático que se vê na maioria dos jornais. Também não precisa ser verborrágico e estar repleto de palavras desconhecidas. Nem exige a presença de adjetivos para transmitir emoção. O que passa emoção é o modo de contar, não os adjetivos que o escritor emprega.” (2006, p.120)

Além disso, em inserções de textos portugueses, optei por manter a grafia do português de Portugal, como uma forma de transmitir a ideia original ao leitor. São exemplos dessas inserções o fado que abre o livro, a manifestação “Massa à bolonhesa” (capítulo 1), a crônica escrita por Sara Oliveira (capítulo 2), e diversos poemas colocados na obra.

### **1.1.3. Observação participante**

Coloquei-me como uma repórter que vivenciou todas as experiências relatadas e que se inseriu na rotina da cidade por seis meses. Devido a essa inserção, o que se reporta para o leitor são impressões pessoais, acrescidas de impressões colhidas com outros intercambistas.

Foram somadas a essa vivência (pessoal e a do grupo de intercambistas que a aluna conviveu) informações históricas detalhadas e inúmeros dados que fundamentam toda a narrativa.

### **1.1.4. Captação das informações**

Além do “eu” do repórter, buscou-se levantar informações sobre Coimbra, sobre a universidade e também sobre Portugal. Essas informações foram obtidas em livros,

folhetos de pontos turísticos, por meio da consulta em sites oficiais e a partir de entrevistas e depoimentos (vide anexo).

#### **1.1.4.1. Entrevistas e depoimentos**

Com intuito de trazer no livro-reportagem as mais variadas visões sobre Coimbra e sobre Portugal, recorreu-se a um procedimento fundamental no jornalismo, a entrevista.

Foram realizadas entrevistas *in-locu* como, por exemplo, com o arqueólogo Jorge Alarcão. Essa entrevista foi realizada durante o período do intercâmbio (entre setembro/2008 e fevereiro/2009).

Outra entrevista, fundamental para a elaboração do capítulo 6, foi realizada com a portuguesa Sara Oliveira. A entrevista foi feita por e-mail, em setembro de 2009.

Além das entrevistas, solicitei a alguns de meus colegas, intercambistas brasileiros, um depoimento sobre a estadia em Coimbra. Optei por não fazer perguntas, pois a ideia era deixar que os temas surgissem espontaneamente e que os intercambistas escolhessem a forma como “traduzir” seus sentimentos em relação à cidade. Tais depoimentos foram solicitados por e-mail em agosto de 2010.

#### **1.1.5. A definição do título do livro**

Muitas ideias surgiram ao se pensar nos possíveis títulos para o livro-reportagem. Inicialmente foram cogitadas duas possibilidades: *Impressões de Viagem* – que pareceu vago demais, pois não revela o local – e *Relatos de uma brasileira em Coimbra* – que me pareceu insuficiente para sintetizar de fato o que o livro representa: uma espécie de roteiro de viagem, no entanto, vivenciado pela repórter.

Posteriormente, após um amadurecimento em relação à estrutura do livro, chegou-se ao título *Coimbra, um roteiro à brasileira*. Dessa forma estaria sintetizada o que o livro pretende ser – um roteiro para se conhecer Coimbra – e a cidade estaria especificada.

## **1.2. Projeto Gráfico**

A elaboração do projeto gráfico contou com a colaboração do jornalista Gustavo Padovani. A partir do projeto editorial do livro e de todo o material fotográfico coletado, discutiu-se uma possível linha gráfica para o livro.

Das escolhas somadas com sugestões técnicas do jornalista, optou-se por seguir como parâmetro próximo ao que vem sendo realizado pela revista *Serrote*, uma publicação do Instituto Moreira Salles. A revista dispõe uma margem ampla à esquerda e à direita da página, possibilitando um “descanso” ao leitor (tido aqui como algo positivo para a leitura).

Além disso, o uso de páginas coloridas de destaque na *Serrote* foi considerado um elemento positivo. Tentou-se adaptar isso para o livro-reportagem, inserindo poemas, depoimentos e outras declarações.

A ideia foi trabalhar sem excesso, deixando a diagramação “limpa”. As imagens, por se tratar de um livro cujo tema é viagem, ocupam páginas inteiras com o intuito de “transportar” o leitor para o lugar em questão.

### **1.2.1. Diagramação**

Pensando em um projeto gráfico sem excessos, a fonte escolhida para o corpo do texto foi Adobe Garamond Pro. Esse tipo de fonte, serifada, transmite uma ideia de seriedade e não causa muito peso aos olhos do leitor. Já para os intertítulos foi escolhida uma fonte mais moderna, mas que ao mesmo tempo pudesse “evocar” a história de Coimbra.

### **1.2.2. Fotos**

Recolheu-se vasto material fotográfico durante a estadia em Coimbra (cerca de 6 000 fotos). No entanto, com o objetivo de fazer deste livro-reportagem uma experiência partilhada com outros intercambistas, optou-se por inserir fotos tiradas por outros

brasileiros que viveram na cidade. Foi a maneira encontrada para dar espaço a outros olhares e não apenas o meu.

Com relação à seleção das fotos, muitas não tinham a resolução adequada para a impressão em livro. Parte desse problema se deve, principalmente, ao fato da aluna utilizar uma máquina fotográfica comum para realizar o registro das imagens. No entanto, muitas vezes, as condições físicas dos locais a serem fotografados impediam máxima qualidade das fotos (na Biblioteca Joanina, por exemplo, existe muito ouro e por mais que a máquina tenha uma boa resolução, a imagem granula e perde muito em qualidade).

### **1.2.3. Características técnicas do produto**

*Formato:* 18 x 20 cm

*Número de páginas:*

*Papel utilizado:* offset 90g/m<sup>2</sup> (miolo) e 250g/m<sup>2</sup> (capa)

*Acabamento:* laminação fosca, lombada quadrada e hotmelt.

*Número de cores de impressão:* 4x0

*Sistema de impressão:* digital

*Sistema para captação e tratamento de imagens:* fotografia digital com tratamento digital em Adobe Photoshop CS.

*Impressão:* Gráfica Linear B (São Paulo).

## **2. O PRODUTO CONCRETIZADO**

### **“Coimbra, um roteiro à brasileira”**

Coimbra do Choupal,  
Ainda és capital  
Do amor em Portugal,  
Ainda.

Coimbra, onde uma vez,  
Com lágrimas se fez

A história dessa Inês  
Tão linda!

Coimbra das canções,  
Tão meiga que nos pões  
Os nossos corações  
A nu.

Coimbra dos doutores,  
P'ra nós os teus cantores  
A fonte dos amores  
És tu.

Coimbra é uma lição  
De sonho e tradição  
O lente é uma canção  
E a lua a faculdade

O livro é uma mulher  
Só passa quem souber  
E aprende-se a dizer  
Saudade.

*Fernando Carvalho, Arthur Reed*

Situada no Centro de Portugal, a duas horas de Lisboa, a pacata e milenar Coimbra interrompe sua rotina para recepcionar seus *caloiros*, vindos de todas as partes de Portugal, atraídos pela sua tradição secular no ensino.

A Universidade de Coimbra, Uc, é a senhora responsável por tornar jovens sonhos em doutores desde o século XIII. Fundada em 1290, fora transferida para Lisboa algumas vezes, mas fixou-se definitivamente em Coimbra em 1537. Desde então, forma advogados, médicos, farmacêuticos, artistas... São infindáveis profissões que se distribuirão em um país tão pequenino.



Portugal tem uma população majoritariamente idosa. Dos seus 10 milhões e 600 mil habitantes, 1 milhão e 900 mil são idosos, isso representa quase 20% da população. Coimbra, sua terceira maior cidade, seria um dos maiores exemplos do envelhecimento populacional português não fosse o número de jovens que se dirigem a ela anualmente em busca de formação acadêmica.

Em setembro, inicia-se o ano acadêmico. Subsequente a esse mês, os calouros, após terem uma prévia do que é a universidade, integram-se com toda Coimbra. A *Festa das Latas*, também chamada de *Latada*, é o momento em que os veteranos e a população da cidade saúdam e dão as boas-vindas aos recém-acadêmicos. Ela tem duração de cinco dias e o seu auge se dá no dia do cortejo. Nesse dia, os calouros são fantasiados e por seus padrinhos são “batizados” à beira do Rio Mondego, após uma árdua e libertina caminhada.

O ponto de partida é o Alto da cidade, onde se localiza o pólo principal da Uc, um conjunto arquitetônico que transborda história. Não é possível por lá passar sem se sentir transportado no tempo por pelo menos cinco séculos. Largo D. Dinis. Faculdade de Letras. Porta Férrea. Sala dos Capelos. Biblioteca Joanina. Via Latina. Espaço que já fora ocupado pelos árabes e depois se tornou Paço Real de D. Manuel. É de lá que os estudantes saem embalados pelo álcool da cerveja e pelo som produzido por latinhas de refrigerante. A música ecoa das tantas latas amarradas aos pés de cada calouro. Sons monotônicos produzidos pelo contato do alumínio com o asfalto. Asfalto em que tantos renomados já pisaram...Camões foi um deles.

Cada curso se agrupa, com seus veteranos a comandar e seus calouros a obedecer, e caminha. Uns pedindo moedinhas, outros protestando com dizeres politizados ou não, alguns fazendo as duas coisas, e outros tantos apenas bebendo. Não existe pressa. Ri-se, bebe-se e muitas garrafas de cerveja são arremessadas por onde quer que se passe como forma de dizer que estão todos no mesmo clima.

Há quem diga que a Latada perdera seu grande sentido: o de protesto. Para o senhor António Seabra, simpático guia do Museu Acadêmico de Coimbra, que franze o cenho ao ser chamado de “senhor” e pede insistentemente para ser tratado por “você”, a Latada já fora mais politizada. Na sua opinião, a juventude atual a distorceu.

Mas este não é o pensamento de todos. Para os jovens que acabam de sair de casa e se veem a quilômetros do julgamento paterno, Coimbra e suas festas acadêmicas

representam a coroação da liberdade de cada um... A Latada seria só o início de muitas das experiências estudantis que virão.

O que se vê na Latada são protestos tímidos, porém protestos, sobre a qualidade do ensino superior na Europa, sobre as propinas, sobre os serviços das cantinas da Uc.

Reclama-se da aplicação do acordo de Bolonha, uma tentativa de unificação do ensino na Europa, que diminuiu para 3 anos a duração dos cursos superiores. Com Bolonha é possível sair doutor em 4 anos. Um contingente enorme de mão-de-obra para o mercado de trabalho em pouco tempo. Será que o tempo é hábil para os estudantes saírem bem formados? Esse é um dos questionamentos que a Latada escancara nas fantasias dos recém-chegados estudantes, que pouco sabem o que representa o acordo de Bolonha. Apenas seguem seus veteranos.

E há também a taxa paga para se manter na universidade pública portuguesa: a conhecida propina de 900 euros anuais. Sem falar nos aumentos das refeições nas cantinas da universidade. De 2 euros para 2,15.

## TEXTO EM PÁGINA DESTAQUE

Massa à Bolonhesa

Ingredientes:

- prescrições
- sobrecarga de trabalho
- privatização do ensino superior
- licenciaturas “faz-de-conta”
- mestrados que são, na verdade, licenciaturas
- toneladas de propinas
- avaliação contínua (fresca e de categoria)
- 15 cêntimos pela simpatia dos funcionários das cantinas (ingrediente opcional)
- E, já agora, sal e pimenta q.b.

Modo de preparação:

Numa panela e alumínio (não há dinheiro para uma de inox), deixe refogar a privatização do ensino superior. Junte a avaliação contínua (em doses bastante moderadas) e continue sempre a mexer. Junte as licenciaturas “faz-de-conta” e os mestrados que são, na verdade, licenciaturas, e deixe em lume brando até alourar (atenção para não deixar queimar).

Num tacho à parte, coza a sobrecarga de trabalho com um nabo às rodelas. Quando estiver quase desfeita, escorra e junte às toneladas de propinas, previamente demolhadas em vinagre. No final, misture tudo numa terrina e regue à vontade com prescrições. Se for do seu grado, tempere com os “miseros” 15 cêntimos. E sirva com batatas fritas.

Da universidade, o cortejo chega às escadas monumentais. São 150 árduos degraus que ligam a universidade à Praça da República. Das inúmeras curiosidades relato a mais peculiar. Dizem os estudantes que a mulher que sair virgem da universidade verá os dois grandes círculos de cimento, que estão dispostos no topo de cada lado das monumentais, desabarem sobre seu corpo ao transitar pela tal escadaria...

Os estudantes se aglomeram na Praça da República. Fazem uma pausa. Comem. Conversam. Embebedam-se na frente do Teatro Gil Vicente e da Associação Acadêmica. A população conimbricense recebe-os de braços abertos. Prosseguem. Não há pressa, afinal a madrugada está aí para isso. Passam pelo Mosteiro de Santa Cruz. Portagem. E finalmente, para coroar a caminhada, o Mondego. Os jovens, que por horas tiraram do álcool sua energia, se jogam avidamente nas águas do único rio que nasce em território português. Mal são capazes de sentir o cheiro e o gosto de urina deixado pelos que chegaram antes ao rio, e selaram o fim do dia e da Latada, com o “batismo” mondeguintino. Agora são todos oficialmente calouros. Veteranos apenas dali um ano,

com a festa da Queima das Fitas, que dura uma semana e representa o fim do ciclo universitário. Ambas as festas fazem parte da tradição acadêmica que Coimbra representa. A praxe é um emblema de tudo isso. Ela representa um conjunto de regras que podem ser seguidas pelos estudantes.

Entre o costume mais emblemático que envolve os estudantes que adotam a praxe está o traje preto. É possível ver, em toda Coimbra, inúmeros jovens com calça (saia para as meninas) preta, camisa branca e uma capa preta que os reveste de uma imponência para lá de secular. Isso os identifica como universitários. E o significado do traje traz algo econômico também: dizem os estudantes que o traje fora instituído para que dentro da universidade os alunos não fossem identificados pela sua classe social, pelo que seu dinheiro pode comprar, mas pelo seu mérito acadêmico. Nas capas se combinam inúmeros emblemas bordados, entre eles o do curso de que o estudante faz parte. Não é só com símbolos bordados que se faz uma boa capa... Gajos compromissados têm suas capas cortadas ao meio por suas namoradas. É um sinal para que outras garotas não se aproximem, pois o compromisso é sério! Mas, como tudo é perene, alguns gajos terminam o compromisso firmado, e o que fica desse amor não consumado é uma costura no meio da capa, com a linha da cor do respectivo curso, indicando para as outras raparigas que o rapaz está livre para um novo compromisso. O melhor amigo também marca presença na capa com um corte no lado esquerdo da capa.

Agora o leitor pode acompanhar, a partir do trajeto que os calouros fazem no dia do cortejo, um roteiro para conhecer e desfrutar segredos da pequena Coimbra.

## Universidade de Coimbra

As aulas do 1º semestre começam tardiamente, se comparadas ao calendário brasileiro. Em setembro tem início o ano letivo europeu, e em Portugal isso não é diferente. Saio do alojamento Pedro Nunes por volta das 7h50. A temperatura lá fora, durante o Outono, está em torno de 10°C no dias mais quentes e chega a 3°C em dias chuvosos. No inverno, ela chega a -1°C.

Caminho até a paragem (ponto de ônibus) próxima ao supermercado *Continente*. No percurso, que não dura mais que 5 minutos, atravesso um terreno baldio onde, não raro, os ciganos estão acampados. Eles passam semanas ali. Dormem em barracas improvisadas, fazem sua comida no chão, comemoram alguma coisa que não consigo descobrir. Gostaria de conversar com algum deles. No entanto, o receio da reação negativa não me permite ir além da observação. Uma criança joga, com seus pés, cascalhos em minha direção. Descubro que os ciganos não são bem vistos pelos cidadãos portugueses. Muitos deles os acham dispendiosos para o governo, pois recebem uma ajuda mensal para se manterem.

Espero o 24T ou o 34. O 24T passa com mais frequência e é o único auto-carro (ônibus) que estende seu horário até às 23h25. O 34 não circula após às 20h10. Mas para assistir às aulas não preciso do serviço noturno. Normalmente pego o ônibus das 8h00 ou 8h10. Em dias de chuva isso muda um pouco, pois a necessidade de desviar das poças d'água, que são muitas, e preservar os livros secos faz o percurso de 5 minutos se tornar quase de 15.

O ônibus pára e espera que os passageiros entrem e se acomodem. Só depois disso ele arranca. Existe uma máquina ao lado do motorista na qual você insere o cartão de passagem. Não existe cobrador nem as tradicionais roletas dos ônibus públicos brasileiros. Confia-se que você irá passar seu bilhete e se acomodar no ônibus. Muitos idosos reclamam das janelas abertas. Eles receiam “constipar-se”. É preciso mantê-las fechadas para evitar complicações.

Crianças, no colo das mães, dirigem-se às escolas primárias. Adolescentes gesticulam sem parar, como se já estivessem acordados há horas. Logo se avista o Estádio Cidade de Coimbra, reformado em 2003 para a Euro-Copa 2004. Sua

arquitetura se destaca das tradicionais construções da cidade. Com capacidade para 30.000 pessoas, o arquiteto António Monteiro privilegiou estruturas metálicas e o vidro em sua reformulação.

O ônibus entra na Rua dos Combatentes. Pára. O motorista demora cerca de 10 minutos para conseguir driblar o congestionamento e subir a inclinada rua. No topo ela ganha o traçado plano. Avista-se a rua repleta de falsos plátanos, que se espalham por toda Coimbra. Logo à frente, os Arcos do Jardim chamam os olhos estrangeiros. É uma espécie de ampla muralha que existe desde tempos romanos. É a passagem para o outro mundo, o universitário.

Mais um pouco está a Praça da República. Boa parte dos idosos desembarca aqui, na paragem quase em frente ao Mc Donald's. É aqui também que embarca um jovem, de cerca de 28 anos, talvez 30. Deficiente visual, sobe no ônibus com o auxílio de seu cão *Golden Retriever*. O rapaz cumprimenta o motorista e logo se acomoda em um banco. Seu cão mantém-se alerta. O ônibus logo se dirige para a Rua Padre António Vieira. Alguns quartos estudantis se acomodam em cima de pequenos comércios, a maioria lanchonetes. Também tem alguns bares apertados onde os estudantes, nas noites de 3ª e 5ª feiras, descontraem-se tomando finos (copo de cerveja) e shots (dose de algum destilado como vodka preta).

À direita avista-se o Museu Machado de Castro, em obras. Escavações prometem revelar estruturas intactas dos tempos romanos. À esquerda está a Sé Nova, igreja que, apesar do nome, é do século XVI. O adjetivo “nova” serve para diferenciá-la da igreja Sé Velha, primeira igreja de Coimbra, que data do século XI. Chega-se à universidade. Aqui só os ônibus e as pessoas circulam. Aos carros existem diversas restrições.

O ônibus pára. Avisto a Faculdade de Medicina em frente. Na diagonal está a Faculdade de Letras, Fluc. Estátuas enormes recepcionam meu olhar. São deusas gregas que simbolizam a sabedoria. Caminho até a entrada da Fluc. Viro-me e, nas minhas costas, mais um prédio: a Biblioteca Geral da Uc.

A Biblioteca Geral da Uc tem um acervo em diversas áreas do conhecimento. No piso térreo, uma loja exhibe as publicações da Uc, atendentes vendem bilhetes para uma visita na parte histórica da universidade, que compreende a Sala dos Capelos, Sala das Armas, Capela de São Miguel, Faculdade de Direito, Biblioteca Joanina, Prisão

Medieval. Escadas com breves lances de degraus levam o visitante ao piso onde são feitas exposições de Cimélios.

Na primeira vitrine da exposição está uma Bíblia, com 3 volumes, escrita em Latim, com **letra Carolina**. Encadernada em pele gravada a ferros dourados, tem seus cantos e lombadas deterioradas pelo tempo. Na segunda vitrine, mais uma Bíblia, dessa vez em hebraico, com anotações biográficas de nascimentos e morte de Samuel Costa e de Sincha, mulher do possuidor, datados de 1557. Mas é na vitrine 5, na qual a temática são os jesuítas, que me familiarizo. *Gramática da língua geral do Brazil, com hum dictionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*, Belém, 1750. O texto está em português e em tupi. Ao lado, outro cimélio familiar: *Diccionario da língua geral do Brasil, que se falla em todas as villas, lugares, e aldeãs deste vastíssimo Estado*, Pará, 1771.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** A letra Carolina foi introduzida no reino franco pelo imperador Carlos Magno (768–814). Ela propagou-se rapidamente por todo o Ocidente cristão. A letra Carolina foi a componente gráfica essencial utilizada para copiar documentos latinos e gregos fundamentais para a cultura humanista.

Saio da exposição e me dirijo à biblioteca. Para minha surpresa não é possível transitar por entre as estantes do acervo. O prazer de descobrir títulos e se surpreender com capas não existe. O catálogo só é acessado pelos alunos digitalmente. Só os funcionários têm acesso direto aos livros. É preciso solicitar, por um sistema online, o material que se deseja consultar. Funcionários buscam no acervo, retiram e trazem as obras para você ler nas mesas da biblioteca, ou em casa.

Saio frustrada com o impedimento de transitar por entre os livros. Entro na Fluc. Inúmeros estudantes fumam e bebem *Red Bull* ou *Coca-cola*, distribuídos gratuitamente no início das aulas. Mas não é isso que me surpreende. Meus olhos se fixam na roupa de boa parte dos estudantes: uma capa preta cobre o corpo deles para além dos joelhos. Moças vestem camisa branca, saia preta e meia calça, preta também. Nos pés, um sapato social, de salto baixo, talvez de 4 centímetros. Rapazes vestem camisa branca, calça social preta e sapatos pretos.

Esses alunos aderiram à praxe acadêmica, que consiste em algumas regras que vão além dos princípios de conduta estudantil. Ela determina o traje a ser vestido - a toga-, a forma de recepção dos calouros, o relacionamento entre os estudantes e prevê

até punições no caso de descumprimento de alguma regra ou até mesmo do uso inadequado da toga. Em suma, a praxe é uma das tradições da Uc e tem na capa e na batina a sua expressão mais visível.

As faculdades da Uc são identificadas por cores. Medicina está representada pelo amarelo, Direito pelo vermelho, Ciências e Tecnologia pelo azul claro (licenciaturas) e azul claro e branco (Engenharias, Matemática e Arquitetura). Letras, azul escuro, Farmácia, roxo, Economia, vermelho e branco, Psicologia e Ciências da Educação, laranja, Ciências do Desporto e Educação Física, castanho e branco.

### **A Praxe Acadêmica**

Não só a capa e a batina são alvo de regras para aqueles que aderem à praxe acadêmica. O uso da pasta, um dos acessórios que enobrecem e identificam os estudantes praxistas, só é permitido aos “doutores e doutoras da praxe”, que são alunos do último ano do 1º ciclo (corresponde à nossa graduação).

Não se usa a pasta da forma que convier a cada estudante. São necessários alguns cuidados! Dentro dela tem que haver pelo menos um livro ou um caderno, no qual devem estar escritos os apontamentos (anotações) da aula. Caso não se tenha nem o livro nem o caderno, a praxe determina que se coloque um papel com no mínimo de 5 palavras. Elas devem ser escritas pelo portador da pasta.

Na formatura, o estudante leva a sua pasta com as fitas pendentes, fitas que seguem a cor do curso do estudante. No final, se o aluno for aprovado, os colegas e amigos rasgam as vestes do mais recente doutor: a batina, as calças, o colete, a camisa e as roupas brancas. O recém-formado fica apenas com colarinho, gravata, meias e sapatos intactos e seu corpo envolto na capa. Esta praxe de rasgar o vestuário não era aplicada às moças. Mas, após a década de 80, as estudantes também aderiram ao costume, porém com limitações. Rasga-se apenas o que é poupado aos rapazes: colarinho, punhos, gravata e meias.

Com a praxe do "rasganço" não acaba apenas o curso, mas uma vivência acadêmica possível apenas em Coimbra. Entre os estudantes, é unânime: "Coimbra tem mais encanto na hora da despedida", pelo menos para quem a viveu e/ou vive intensamente.



## TEXTO EM PÁGINA DESTAQUE

*Parabéns senhores doutores!*

*Do alto da torre era lançada uma girândola, a filarmónica postada no jardim tocava o Hino Académico, os sinos repicavam e os novos médicos iam postar-se à Porta Férrea aguardando a saída dos Lentes, que passavam entre alas, apertando a mão aos antigos discípulos aos quais davam o tratamento de colegas. Seguiam depois os estudantes em grupo, ao som do Hino Académico, até ao Largo da Feira, vendo-se as janelas das ruas por onde passavam, enfeitadas com colchas amarelas, a cor da Faculdade de Medicina. Estoirava então a grande girândola, a maior que então se queimava em Portugal, e de seguida os estudantes dirigiam-se a casa dos Mestres, onde eram obsequiados como amigos.*

(AAC, sobre tradição da praxe no curso de Medicina da Uc)

*A Praxe de rasgar a Capa e Batina após a formatura deverá ter surgido com a "Farraparia". A "Farraparia", que durou até cerca de 1910, era feita na Faculdade de Direito após o "Ponto", anúncio do último dia de aulas, em que os alunos do 1º ano faziam espera aos do 5º ano, que perseguiram com a finalidade de lhes rasgar as batinas e as capas. Até 1917, "no dia da formatura colectiva de todos os finalistas da Faculdade de Medicina, os recém-formados organizavam uma grande festa, com muita música e foguetes, e num cortejo de carros iam fazer as suas visitas de cumprimentos aos Mestres."*

("A Academia de Coimbra" de Alberto Sousa, disponível no site da AAC).

## TEXTO EM PÁGINA DESTAQUE

A minha experiência universitária começou no dia das matrículas no Largo da Porta Férrea, onde desde logo experimentei a famosa praxe universitária. O longo dia de matrículas estendeu-se até tarde permitindo aos meus pais procurar casa e a mim, enquanto andava de fila em fila, criar amizades, que hoje me são fundamentais. A primeira semana de aulas foi marcada pela presença de praxe e ausência de estudo. Enquanto outros eram abusados por doutores mais marcados pela sua experiência, eu só sofri dos pés por andar muito. Hinos, despiques, brincadeiras, encenações enchiam a Praça da República na primeira semana. Alguns cursos ficaram-se pela primeira semana, mas Jornalismo marcou presença todas as semanas até à Festa das Latas, a oficial recepção aos caloiros. Este evento tem a duração de 8 dias, num dos quais se dá o cortejo. Neste os padrinhos mascaram os seus caloiros segundo o seu gosto pessoal e o seu curso para irem desfilar desde o Pólo I até à beira do Rio Mondego, onde os caloiros são baptizados pelos respectivos padrinhos. Jantares de curso, a serenata e vários concertos preenchem as outras noites.

Relativamente à minha habitação, só estabilizei no princípio do mês de Novembro. Durante dois meses explorei Miranda do Corvo, um concelho nos arredores de Coimbra, e Eiras, uma freguesia da cidade, onde tinha familiares. Neste momento, vivo sozinha a 20 minutos da universidade, 10 para o caminho e outros 10 para os 125 degraus das escadas Monumentais. A distância de Miranda e Eiras não me permitiam desempenhar grandes actividades que me ajudassem na futura profissão, mas agora que estabilizei tenciono participar regularmente no jornal universitário de Coimbra, A Cabra. A Associação Académica de Coimbra disponibiliza também outro tipo de experiência como a radiofónica e a televisiva, cujos cursos, juntamente com o do jornal, promovem os estudantes de jornalismo e comunicação social.

A nível de curso, julgo ter escolhido um a que me adaptasse bem. No entanto, a falta de práticas causa algum desinteresse.

As amizades, muitas delas surgidas nas praxes, ainda são poucas, mas algumas já prometem ser fiáveis. Claro que nunca atingirão as amizades que deixei em São Miguel, mas é impossível aproveitar uma cidade nova e um novo estilo de vida sozinha. As ligações com a ilha são feitas diariamente e Ponta Delgada deixa sempre um rasto de saudade, já os Tunídeos (tuna académica) cantavam “dos amores que eu vivi nesta vida amargurada nenhum se compara a ti, oh doce Ponta Delgada”.\*

\*Texto da estudante universitária Sara Oliveira, 19 anos, escrito para um jornal de São Miguel, em 2008.

### **O palco dos ritos de passagem**

Local que já servira de sala para os saraus literários de Almeida Garret, por volta de 1816, a Sala dos Capelos (ou a Sala Grande dos Actos) guarda a soberania de ter sido em sua origem a Antiga Sala do Trono.

Para aquele que quer se tornar doutor, é preciso por aqui passar e ser aprovado não apenas pelos olhares atentos de seus professores, mas pelos olhos de 18 reis de Portugal. D. João IV, D. Pedro IV, D. Maria II e D. Pedro V, entre tantos outros, estão imortalizados em pinturas a óleo dispostas criteriosamente por entre as janelas da sala.

É aqui que se dão as cerimônias acadêmicas mais importantes da Universidade: doutoramentos solenes, “honoris causa”, investidura do reitor e a abertura solene do ano letivo.

Na cerimônia de abertura do ano letivo, os archeiros se destacam entre todos os outros doutores. Dispostos na entrada da sala, fardados em tons azul marinho, vermelho e dourado, dois homens de meia idade seguram cada um a sua archa - arma composta por uma haste longa que tem uma peça pontiaguda de ferro, atravessada por um machado duplo, de dois gumes. Com botas pretas, meias-calças pretas um tanto surradas, eles convidam meu olhar para desvendar tais figuras, desviando minha atenção do discurso do reitor sobre o Acordo de Bolonha e o início do ano letivo na Universidade de Coimbra.

Essas figuras já exerceram a função de polícia da Universidade. Atualmente, eles se dividem entre a guarda dos prédios, o controle das cancelas do estacionamento, o controle da portaria da Porta Férrea - porta que dá acesso ao Paço das Escolas, onde atualmente estão edifícios como a Biblioteca Joanina e Faculdade de Direito - e o toque do sino do campanário. O auxílio aos serviços administrativos, como levar correspondência, também faz parte dos seus afazeres.

O corpo de guardas já foi mais numeroso, com cerca de 30, mas hoje são em 13. Nas cerimônias oficiais, os 13 archeiros marcam presença. Também participam de cerimônias fúnebres, no caso da morte de algum docente, tarefa que julgam mais complicada entre todas as outras que exercem. No entanto, a carreira dos archeiros está

sujeita à extinção (ela funciona hoje na Uc em regime de exceção). Esses senhores recebem entre 550 e 760 euros (o equivalente a pouco mais de um salário mínimo português, que desde julho de 2010 é 554 euros), mas mesmo assim persistem em seus cargos.

### **A Casa de livros**

Não há nada parecido com as estantes de aço, pintadas em cinza ou branco. Não há computadores para se consultar o acervo e anotar uma referência. Não é possível tocar nos exemplares, pois estão protegidos da ação de nossas mãos por grades. Não se transita entre as estantes, pois elas revestem as paredes da biblioteca. As estantes estão grudadas a elas como se lá estivessem desde a formação do concreto do lugar. Para consultar algum volume do acervo, só com autorização especial e sob tutela de um funcionário da Universidade. Isso é apenas um dos cuidados com a coleção cujos volumes datam de um período entre o século XII e XVII, e versam sobre Direito, Teologia e Filosofia. São exemplares únicos, preservados em uma espécie de “caixa-forte”. A metáfora é emblemática e foi criada pelos próprios portugueses.

Construída em 1717, a mando de D. João V, a Biblioteca Joanina tem paredes de 2 metros e 11 centímetros de espessura. Além disso, sua porta de entrada é feita em madeira teca, que ajuda a manter a temperatura no interior da biblioteca entre 18° e 20°C. Daí ser conhecida como “caixa-forte” de livros. Porém, o tesouro ali guardado é o conhecimento para lá de secular.

Com cerca de 250 mil obras, as pinturas em dourado das estantes em que tais obras estão dispostas chamam os olhos para o estilo chinês nelas representados. É a decoração *chinoiserie* que se faz presente.

Tudo ali parece novo aos olhos brasileiros, mas há algo de familiar. Pau-brasil. Pau-rosa. Jacarandá. Essas madeiras nobres fazem parte do mobiliário da imponente biblioteca. Sinto que alguma parcela daquilo me pertence...

Os personagens mais ilustres dessa biblioteca não estão nos livros que ela abriga. Existe uma colônia de morcegos no teto do edifício. Todas as noites eles apavoram os possíveis insetos que se arriscam a se aproximar dos livros. Para que esses mamíferos não danifiquem as mesas, elas são cobertas ao fim do dia com capas de couro. Estas são

retiradas e limpas na manhã do dia seguinte. E, assim, toda a coleção da biblioteca se mantém a disposição de nossos olhos até hoje.

Para aqueles que queiram usufruir desse espaço para além dos olhos, indico assistir a algum dos inúmeros concertos que a Biblioteca executa durante o *Festival Musical de Coimbra*, que começa em meados de Outubro e termina no início de Dezembro. A música se vale da acústica da “caixa-forte” e sensibiliza a todos.

Vale lembrar que não é permitido fotografar a biblioteca. Não se podem visitar os seus três andares, apenas o térreo. Mas aos visitantes que por lá passarem com tempo, indico um caminho para conhecer um pouco mais do que guarda essa biblioteca. Existe ali um certo guia. Se você der sorte de pegá-lo em seu domingo de escala na biblioteca, será bem recebido pelo simples fato de ser brasileiro. Com uma boa conversa e o compromisso de sigilo, é possível percorrer os outros andares da biblioteca... Não perca tempo registrando nada nas lentes fotográficas, apenas nos seus olhos: no andar superior, do lado esquerdo, junto à janela, o sol reluz nas águas esverdeadas do Mondego.

### **Uma vista aos Jerônimos**

A estátua de D. Dinis sinaliza a proximidade de um dos prédios mais bonitos da Universidade de Coimbra: o Colégio São Jerônimo. No século XVI, serviu de colégio, igreja e habitação aos Jerônimos, mas foi só a partir de 1853 que passou para o controle da universidade. Ela fez dele um hospital e agora o prédio abriga um museu, uma biblioteca, algumas salas de aula e o DRIIC (Departamento de Relações Internacionais da Uc).

Por fora não há nada que impressione muito. Porém, ao se atravessar a porta, delicadas pinturas nos azulejos, que revestem as paredes laterais da escada barroca, conduzem você ao singular *Museu Acadêmico*... Apenas guiado pelos sentidos, os olhos tentam estabelecer uma sequência entre as pinturas de um azulejo e outro.

Inaugurado em dezembro de 1987, o museu é espaço das glórias e histórias dos estudantes de Coimbra. Aqui se encontram os trajes típicos dos estudantes, algumas guitarras portuguesas, documentos e fotografias; utensílios de repúblicas estudantis da cidade; exemplares de símbolos da praxe, como a tesoura, a moca, o penico e a colher

de pau. Enfim, diversos elementos que ajudam a compreender um pouco do que foi e tem sido a Coimbra estudantil.

Cartazes, que datam desde 1931, espalham-se pelas paredes de uma das salas do museu. Eles dão informações sobre a mais tradicional das festas acadêmicas: a Queima das Fitas.

Talvez o que exista de mais peculiar no *Museu Académico de Coimbra* seja o seu guia, o “senhor” António Seabra. Não consigo obter nenhuma data precisa de quando começou seu trabalho no museu, muito menos qual é a sua idade. Seu pai era comunista e diz ter sofrido muito durante o regime de Salazar. Seabra não revela nada com exatidão, talvez porque tenha chegado em um momento em que as datas não são importantes, o que conta são as emoções vividas... Descrença nos jovens e no governo, seus olhos brilham ao relatar, aos poucos visitantes que o museu recebe, um pouco do que vivenciou. Para o guia, não há mais tradição acadêmica. Ele dá a geração atual como “perdida”. A Queima das Fitas e a Latada já não são as mesmas. Enquanto conversamos ao pé de uma janela, com vista para a atual prisão de Coimbra, António revela a sua paixão: a cidade de Évora. Ele aguarda o dia em que poderá se mudar para lá... Por enquanto, António fuma um cigarro e aprecia a paisagem.

Mas o *Museu Académico* não é o único destaque dos Jerônimos. Vale a pena subir inúmeros lances de escada. No último andar do edifício, uma porta simples guarda a entrada de uma vista panorâmica da cidade. No espaço onde fica a seção de atendimento aos alunos estrangeiros da Uc (DRIIC), esperar o pôr-do-sol é a melhor maneira de terminar o dia na universidade.

## 2

### **Praça da República e arredores**

As folhas se acumulam nas vias principais que dão acesso à praça. Jovens se aglomeram em frente à *Associação Académica*. Senhores e senhoras circulam com sacolas, jornais, ou apenas param para tomar café. Os idosos ficam horas conversando com o dono da banca, no centro da praça. O correio está logo ali, com livros à venda. Acredite, é possível encontrar muitos gêneros de livros: didáticos, poesia, romance, infantis... Parece uma mini-livraria. Pílulas de leitura enquanto se aguarda a vez no atendimento.

Há também pequenas galerias onde se podem comprar roupas e calçados. Mas são nas lojas de rua que se constata a verdadeira vocação de Coimbra: servir aos estudantes. A venda de *fatos* (roupas) específicos chama a atenção dos olhos estrangeiros. São muitos adereços: sapato específico, bordões, broches, camisas, saias, enfim, lojas especializadas em vestir os estudantes de acordo com a praxe. Há quem diga, entre os brasileiros, que os estudantes parecem transportados dos livros do *Harry Potter*, mas isso não passa de uma brincadeira misturada com um pouco de inveja. Na verdade, a capa preta está entre os acessórios mais cobiçados entre nós, brasileiros. Ela confere um status que talvez os estudantes não tenham no Brasil.

A pequena Coimbra não escapou dos *fast foods*. *Pizza Hut* e *Mc Donald's* rivalizam em lados opostos da Praça, quase em frente um do outro. Mas as franquias não são as únicas que disputam por um cliente. Restaurantes típicos, brasileiros e pequenas pastelarias também marcam presença ao redor da praça. No número 25, um café com ar pop, o *Charlotte Café Lounge*, enche-se de jovens. Seu nome se complementa com “*e Cocktail Bar*”. Aí está o seu diferencial. Aberto durante o dia e a noite, os clientes, a maioria jovens, se distribuem entre mesas, na bancada do bar ou tentam transitar em uma salinha apertada, cheia de fumaça de cigarro, onde a dona das atenções é a mesa de sinuca. Para ter acesso a ela é preciso descer até o subsolo do café-bar.

Entre uma música ambiente, uma decoração moderna e garçonetes brasileiras, é possível provar dos inúmeros tipos de chocolate quentes servidos. Leite condensado no fundo, chocolate quente no meio, chantilly em cima e raspas de chocolate finalizam o *Chocolate Tricolor*. As opções de consumo são inúmeras, principalmente em dias frios. Um *sandes* (sanduíche) pode satisfazer aqueles que queiram algo salgado e a *bola de berlim* (similar ao nosso “sonho”) cumpre a função de sobremesa. Para se acalmar, um chá com limão, algumas especiarias e leite.

Junto à Praça está o *Parque de Santa Cruz*, mais conhecido como **Jardim das Sereias**. Com um espaço verde utilizado no passado para a meditação dos monges do Mosteiro de Santa Cruz, hoje o jardim oferece perigo aos que por aqui transitam. Boatos dos conimbricenses revelam que a área abriga ladrões e drogados. Por conta disso, o local é sempre passagem, nunca uma paragem.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** Após a extinção das ordens religiosas, em 1834, o jardim passou por vários proprietários, até que, em 1885, a Câmara Municipal de

Coimbra comprou-o. Em fevereiro de 1941, um ciclone assolou o jardim com rajadas de 135 km/h. Na reconstrução, novas espécies foram introduzidas no jardim, principalmente as exóticas.

O jardim, que na maior parte do tempo mantém-se deserto, preserva a tranquilidade de séculos passados em meio à agitada movimentação da sua vizinha, a Praça da República. Não é indicado caminhar por aqui à noite, mas durante o dia o passeio é agradável e permite provar, a um preço acessível, a culinária típica portuguesa. A subida revela, no topo, uma **cantina** pertencente à Universidade de Coimbra.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** Na cantina das Sereias, diferentemente das outras cantinas, os pratos portugueses mais tradicionais são feitos com cuidado. O bacalhau com natas e o bolinho de bacalhau podem ser provados sem reservas! Poucas mesas, ambiente silencioso, atendentes mais dispostos a responder dúvidas e um cardápio variado dão o tom das refeições. No entanto, o preço vai além dos 2 euros e 15 cêntimos das outras cantinas.

### *Le Fils de l'épicier*

No verão, Antoine deixa Paris e volta para sua aldeia natal, no sul da França. A viagem fora motivada pela doença do pai e a necessidade de ajudar a mãe na mercearia. É através do contato com os clientes de seu pai que Antoine se redescobre, volta à sua infância, à sua família e para sua aldeia.

*Le Fils de l'épicier*, de Eric Guirardo, é o último filme da 9ª Festa de Cinema Francês em Coimbra. Sentada na parte da frente do cinema, acompanho as legendas em português. As expressões do português de Portugal soam estranho. A tela é improvisada no auditório do *Teatro de Gil Vicente* – o TAGV. O TAGV existe desde 1961, ao lado da *Associação Acadêmica (AAC)*, e hoje faz parte de uma das estruturas culturais ligadas à Uc. Aqui se concentram não apenas os festivais de cinema, mas também ciclos de debates, exposições de artes plásticas e fotografia, espetáculos de teatro, dança, música clássica e contemporânea, recitais de poesia, leituras e tertúlias. O espaço se faz pequeno diante de todas as funções ao que o TAGV se propõe. Há apenas um auditório, que ora funciona como cinema, ora como palco para as diversas apresentações culturais.

Com a sala ocupada majoritariamente por jovens, depois de decorrido metade do filme, um sinal ecoa na sala de exibição. Existe intervalo nos cinemas em Portugal. Para o desespero dos brasileiros, eles duram cerca de 10 minutos e lembram muito os intervalos da sessão da tarde em alguns canais do Brasil. As pessoas vão comer algo no



Café-Teatro do TAGV, conversam sobre o filme, sobre as peripécias do dia e sobre o que irão fazer depois que saírem dali. O destino de alguns é o Bar da AAC.

Praticamente contíguo ao TAGV, a AAC é um local que reúne os estudantes e tem órgãos que regulamentam a atuação deles. Ela é responsável por criar eventos acadêmicos e integrar os alunos da Uc. Nos seus 6 andares são oferecidas aulas de música, dança, xadrez, enfim, atividades para todos os gostos. No 5º andar ficam as instalações da Tv AAC. A Tv AAC é um veículo que não tem ligação com a faculdade. Qualquer pessoa pode trabalhar voluntariamente, sem necessariamente cursar jornalismo.

Para além das atividades acadêmicas, a AAC é o ponto de encontro e de passagem da maioria dos estudantes. A movimentação é intensa durante o dia e a noite. No bar da AAC aglomeram-se inúmeros jovens, em um ambiente enevoado pela fumaça de seus cigarros. Eles dançam timidamente, embalados pela música eletrônica. Tomam vários *finos* (copo de cerveja) - um dos mais baratos da cidade - para tentarem se soltar mais um pouco, mas nem assim saem dali beijando alguém. Quanto muito marcam um encontro. Depois de inúmeros deles, tentam uma investida. Beijar só depois da certeza de que a garota ou o garoto pode representar terreno seguro e calmo. A formalidade domina boa parte dos relacionamentos entre os jovens portugueses.

### Um embate religioso

Uma imponente grade de ferro e bronze, importada da Suécia, contorna uma área de 13,5 hectares. Para além da cerca esconde-se uma enorme biodiversidade. Espécies exóticas das mais variadas partes do mundo compõem o *Jardim Botânico de Coimbra*.

Estruturado à maneira italiana, em vários patamares, escadarias e avenidas, o jardim é um dos reflexos da política iluminista de **Marquês de Pombal**. Com o objetivo de modernizar as aulas de Medicina, o marquês envolveu engenheiros, botânicos e naturalistas para criar um laboratório a céu aberto para os alunos da Universidade.

A construção do jardim começou em 1774, mas só foi terminado no século XIX. A exuberância do local deve-se à intervenção de importantes botânicos, como Avelar Brotero, Júlio Henriques, Luís Carriço e, mais recentemente, Abílio Fernandes.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** Em 1772, Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal, implementou em Portugal uma reforma dos estudos superiores, cujo objetivo era modernizá-los. Em Coimbra, essa reforma resultou na criação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra e do curso de Ciências Físicas e Naturais. Os estatutos pombalinos previam, entre outras coisas, observações da natureza e demonstrações experimentais. Surgem estruturas físicas para realizar esses experimentos, entre elas o já citado Jardim Botânico e o Museu de História Natural, organizado pelo professor e investigador Domingos Vandelli (primeiro professor das recém-criadas cadeiras de História Natural e Química). O Museu de História Natural hoje é o Museu Zoológico, localizado no Largo Marquês de Pombal.

A entrada pelos Arcos do Aqueduto (estrutura muralhada que remete aos tempos romanos na cidade) construída em 1843, permite uma vista panorâmica do jardim. À esquerda, fica o *Recanto Tropical*, com vegetação tropical e subtropical, composta por várias espécies de palmeiras, incluindo a única espécie de palmeira espontânea em Portugal, a palmeira-das-vassouras. No patamar seguinte, vale parar e admirar a centenária figueira-estranguladora, originária da Austrália. Um descanso na Alameda das Tílias é uma oportunidade para observar as 51 espécies de eucaliptos espalhadas pelo jardim.

Sentada em frente a uma árvore, cuja espessura só se torna mensurável com o abraço de mais ou menos umas 10 pessoas, Denise conversa sobre as motivações que a levaram até Coimbra. A paranaense de nascimento e gaúcha de contingência estava ali por uma iniciativa arriscada, sem nenhuma bolsa que lhe ajudasse durante os 12 meses que planejava ficar na cidade. Estudante de secretariado executivo, na UCS – Universidade de Caxias do Sul – ela esperava encontrar um emprego *part time* em algum estabelecimento comercial de Coimbra. O único emprego que conseguiu foi como “funcionária” da *Zon Multimedia*, empresa que oferece serviços em *triple play* - televisão, internet e telefone. Denise era responsável por oferecer os pacotes que previam tais serviços em pequenas vilas próximas à Coimbra.

Depois de um mês de trabalho, a paranaense não recebeu nada da *Zon*. Frustradas todas as suas expectativas de um emprego formal, a jovem de 27 anos se sujeitou, pela primeira vez, passar roupa na casa de uma brasileira que conheceu na aula de Estudos Culturais da Uc. Além disso, também fazia unha de portuguesas e brasileiras. Foi assim que conseguiu se manter em Coimbra não 12 meses, mas apenas 6.

No banco em frente à gigantesca árvore, uma portuguesa de meia idade a surpreende. De roupa social, maquiada, embora com alguns dentes faltando, a senhora pede licença para entregar um folheto. Mas não era somente isso. Queria falar sobre religião. Em seu discurso, condenava o relacionamento homossexual, principalmente entre mulheres. Achava um absurdo o número de famílias “destruídas” atualmente. A senhora alegava que o mundo estava acabando e Deus estava revoltado com tudo o que acontecia. Para ela, quem “fornicasse” não iria para o céu, mas sim para o inferno. Denise, espontaneamente, solta uma gargalhada e lhe diz: “Não vou para o céu, mas vou para o inferno bem feliz”.

### A Pedra dos Ventos

Uma estátua de **João de Deus**, considerado o poeta do amor no século XIX, convida os visitantes para uma vista panorâmica da parte oriental da cidade. O *Penedo da Saudade* é uma pequena área verde, entre tantas outras, que Coimbra oferece para o descanso, a reflexão e a contemplação das espécies ali existentes. No entanto, as árvores dividem espaço com poemas, cantigas e relatos estudantis... Placas comemorativas ligadas ao cotidiano da universidade estão espalhadas por toda a parte.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** João de Deus de Nogueira Ramos nasceu em Lisboa em 1830 e faleceu em 1896. Conhecido apenas como João de Deus, além de poeta lírico, ele foi responsável pela criação de um método de ensino da leitura utilizado até hoje: a cartilha maternal. A Cartilha Maternal é considerada em Portugal um paradigma pedagógico no que diz respeito às alterações introduzidas pelas ideias republicanas para a educação.

Diz a lenda que D. Pedro I frequentava o mirante, na época conhecido por *Pedra dos Ventos*, para chorar a morte de Inês de Castro. Talvez pela saudade da amada e pela saudade dos tempos estudantis grafadas em diversas pedras do local, o espaço tenha trocado de nome no século XVI, quando passou a ser chamado de Penedo da Saudade.

#### TEXTO EM PÁGINA DESTAQUE

Coimbra tem mais encanto

Na hora da despedida

Que as lágrimas do meu pranto  
São a luz que lhe dá vida.  
Coimbra tem mais encanto  
Na hora da despedida...

Não me tentes enganar  
Com a tua formosura.  
Que para além do luar  
Há sempre uma noite escura

Coimbra tem mais encanto  
Na hora da despedida  
Que as lágrimas do meu pranto  
São a luz que lhe dá vida.  
Coimbra tem mais encanto  
Na hora da despedida...

Balada do 6º ano médico de 1958, nas suas Bodas de Prata.

### 3

#### **A Baixa**

Rua das Padeiras. Rua da Louça. Rua da Moeda. Rua Dos Oleiros. Rua dos Esteireiros. Rua do Poço. Rua das Rãs. Rua do Corvo. Rua da Nogueira. Esses nomes e mais outros compõem a região comercial da Baixa de Coimbra. As ruelas são apertadas e sinuosas. Os paralelepípedos dominam boa parte delas. Em algumas os carros não entram, só é permitido o acesso a pé. As casas estão praticamente coladas à rua, não há nenhum recuo nem algo que se assemelhe as nossas calçadas.

As ruelas guardam grande semelhança entre si, por isso não é raro se caminhar por uma mesma ruela inúmeras vezes sem se dar conta disso. São peças que a Baixa prega aos pés visitantes. O labirinto pode se mostrar interessante para os que gostam de

arquitetura. Muitas igrejas com traços românicos e góticos são consideradas exemplos máximos desses estilos na cidade.

O comércio é a vocação da Baixa. Roupa, jóias, óculos, livros, vinhos, eletrônicos, perfumes, doces artesanais, material de construção, utensílios domésticos... Acha-se de tudo. Frequentemente, com intuito de atrair clientes, os comerciantes realizam a *Noite Branca*. São 24h em que as lojas ficam a disposição da população, que pode fazer compras e provar pratos típicos da culinária portuguesa.

As frutarias da região só se deixam ver porque as frutas, verduras e os legumes ficam à porta, dispostos em cestos... Parecem que foram recém-colhidos. Nas floriculturas, não se encontram apenas flores. Os objetos de decoração e utilidades domésticas ganham mais espaço do que elas.

As praças e as esplanadas chamam o corpo não a caminhar, mas a parar e observar o movimento. Na *Praça 8 de Maio*, a *Igreja de Santa Cruz* destoa do edifício ao seu lado, a *Câmara Municipal de Coimbra*. Esta, com traços da arquitetura moderna, aquela com elementos que remetem ao século XII. Em frente à igreja, uma senhora oferece castanhas portuguesas assadas. Vendidas em carrinhos muito parecidos com os nossos de pipoca, elas são preparadas em uma pequena panela de alumínio. Fumaça saindo é sinal de que as castanhas já estão prontas para serem consumidas. Ovaladas, com uma cor próxima à do pinhão consumido no Brasil, elas exalam um cheiro forte quando têm suas cascas quebradas. Convém comê-las ainda quentes.

Seguindo pela Rua Visconde Luz o visitante encontra mais comércios. No número 62, o serviço de fotografia chama a atenção em uma placa. *Fotos Gaspar: Estúdio Fotográfico*. Por fora, uma pequena porta. Ao abri-la inúmeros lances de escada levam a um senhor de olhos azuis, cabelos grisalhos e alto. Ele está atrás da bancada. O serviço não é de 1 minuto como prometem as máquinas que tiram fotos *express*. O senhor pede ao cliente que se sente em um pequeno banco. Arruma o rosto dele. Posiciona o flash, um enorme “guarda-chuva” com uma luz no centro. Faz uma foto. Diz que não ficou boa. Solicita um sorriso, inclina levemente o rosto do cliente e dá um zoom. Repete a foto. A espera de cerca de 15 minutos rende fotos 3x4 arrematadas com um picote estilizado, e uma foto 9x7 de brinde.

Antes da rua se transformar em Ferreira Borges, uma escada com 4 ou 5 degraus, à esquerda, leva você a outra praça: a *Praça do Comércio*. Também conhecida como Praça Velha ou Praça de São Bartolomeu, o lugar ainda preserva, dos tempos em

que foi palcos dos autos-de-fé organizados pelo Santo Ofício, um pelourinho. No edifício que hoje é a *Papelaria Marthas* é possível observar sinais de sua antiga instalação: o Hospital Real. Fundado pelo rei Dom Manuel I, o hospital foi transferido em 1779 para o colégio da Companhia de Jesus (onde hoje é o Departamento de Ciências da Terra da Uc). Na fachada, janelas revelam traços do século XVI. Por dentro, o pátio original encontra-se preservado, mas é no andar superior que se mantém intacta a capela privativa, que data de 1510, com paredes revestidas em azulejos azuis e brancos. Nos estabelecimentos vizinhos há mais vestígios do que foi o Hospital Real.

Para além do comércio, a praça abriga também a *Igreja de São Tiago*, um dos expoentes do estilo românico na cidade. Passando pelo Beco dos Prazeres está outra igreja: e a de São Bartolomeu. Fundada no século X, revela traços do estilo Barroco percebidos apenas por fora, pois sempre está fechada.

Voltando a Rua Visconde Luz, à direita, um acesso destoa da arquitetura do restante da rua. É o **Arco da Almedina**. Ele representa parte do que restou das muralhas que cercavam a cidade durante o período medieval. Juntamente com a *Torre do Anto*, essa área era e ainda é o principal acesso à parte Alta da cidade. Lojas de cerâmica e de souvenir convidam o visitante para descobrir um pouco sobre a ocupação árabe na cidade. Uma visita à torre revela a personalidade de **António Nobre**, poeta português (1867-1900) que fez dela sua morada.

**INFORMAÇÃO LATERAL 1:** *Al-medina* é uma palavra de origem árabe. Significa cidade.

**INFORMAÇÃO LATERAL 2:** António Nobre começou seus estudos de Direito em Coimbra, porém deu prosseguimento ao mesmo na Sorbonne, em Paris. Diplomado em 1893, concorreu a um cargo de cônsul, mas não chegou a ocupá-lo devido à tuberculose avançada. Foi tentando se curar que o poeta passou os últimos anos da sua vida entre sanatórios na Suíça, na Madeira e nos arredores de Lisboa. Nobre morreu na casa do irmão, Augusto, em Porto, com apenas 30 anos.

### **TEXTO EM PÁGINA DESTAQUE**

“Que lindas coisas a lendária Coimbra encerra!  
Que paisagem lunar que é a mais doce da terra!  
Que extraordinárias e medievais raparigas!  
E o rio? E as fontes? E as fogueiras? E as cantigas?”

António Pereira Nobre

Após contornar a Torre do Anto, um novo caminho se abre. É a Rua Quebra Costas, com seus degraus muito íngremes, feitos com pedras retiradas do Rio Mondego. Nos números 45-49 está o Bar *O Quebra*, ocupando uma esquina inteira. Inaugurado em maio de 1984, durante muito tempo era chamado de *Quebra Costas*. Hoje, *O Quebra* oferece, além da comida, exposições e uma seleção musical que passa pela música eletrônica, funk, soul e jazz. O bar fica aberto durante o dia e à noite, que concentra as atrações musicais. Mais à frente, lojas de utilidades domésticas expõem, ao pé das escadas Quebra Costas, toalhas estampadas com o galo português. Os tons azul, vermelho e amarelo saltam aos olhos. Louças pintadas à mão, algumas com fio de ouro, a maioria em tons azuis; quadros e inúmeros objetos decorativos se espalham pelas pequenas lojas. Guardada as proporções, a rua Quebra Costas sempre me remete à 25 de março, em São Paulo.

Descendo a Quebra Costas e retornando à Ferreira Borges, a Livraria da Almedina convida para passar os olhos por suas estantes. Inaugurada em 1955 como papelaria, ao lado do já citado Arco da Almedina, hoje a livraria conta com 11 lojas, 3 em Coimbra e 1 no Brasil (em São Paulo). A livraria, com um público majoritariamente universitário, é especializada em publicações de Direito.

### **O Panteão Nacional**

Ao observar a fachada da *Igreja de Santa Cruz* não é possível identificar o número de reformas que o mosteiro já sofrera. Desde o início de sua construção, em 1131, o espaço é sempre recriado aos olhos de novos governantes e novas necessidades. Não é para menos, pois a igreja é considerada Panteão Nacional.

O título é mérito dos túmulos que o espaço abriga: o túmulo de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, e o de Sancho I, seu filho. É na capela-mor, cujo altar em madeira cria a ilusão do requinte do mármore, que se encontram os túmulos de D. Afonso e D. Sancho I.

Conhecido como *O Conquistador*, a história de D. Afonso (1109-1185) confunde-se com a fundação do que viria a ser a primeira nação europeia. Filho de [Henrique de Borgonha](#) e de [Teresa de Leão](#), condes de [Portucale](#) (dependente do [reino de](#)

[Leão](#)), é com a morte de seu pai que Afonso se torna cavaleiro. O caminho do jovem opõe-se às escolhas de sua mãe, que opta por ficar do lado galício.

Afonso vence as tropas galícias na batalha de São Mamede (1128), evitando a anexação do condado portugalense. Mas só depois da vitória contra cinco reis mouros, na batalha de Ourique (1139), é que se declara rei de Portugal. Quase 10 anos depois o rei expulsa os mouros de Lisboa e de outras cidades portuguesas, comandando a unificação e pacificação de Portugal, além de promover o alargamento de suas fronteiras.

Guardada a importância daqueles que *aqui jazem*, a igreja mantém belezas para os olhos e ouvidos. Toda revestida em azulejos que ilustram a vida de Santo Agostinho, é no púlpito que a obra de um entalhador francês, Francisco Lorete, e de um organeiro espanhol, Manuel Bento Herrera, pode ser contemplada ao se ouvir os sons que saem do órgão barroco finalizado em 1724.

Um aconchegante e intimista café-restaurant, ao lado da igreja, possibilita refletir sobre a trajetória histórica de Portugal. A luz externa entra no espaço através dos vitrais coloridos. Pessoas folheiam jornais, conversam informalmente, bebem café. Não raro, a exibição de algum documentário ou a apresentação de contadores de história torna-se o centro das atenções. Há também épocas em que é possível ouvir um fado, ou melhor, a canção de Coimbra, pois fado é só em Lisboa. Tudo isso em um espaço que já foi armazém de ferragens, esquadra de polícia, funerária e corpo de bombeiros. O local é café-restaurant desde 8 de Maio de 1923, data escolhida para homenagear a praça em que está instalado.

## **A boemia**

### **“O caminho a percorrer é o que fica entre duas tascas”**

Uma cachorra recepciona o visitante juntamente com um ramo de loureiro à porta. O espaço é bem apertado, não cabendo, na maioria das vezes, mais do que 10 pessoas. As pipas de vinho, em alguns estabelecimentos, ainda permanecem no balcão. Os vinhos são servidos em copos simples. Há petiscos e *buchas* (porções) variadas, mas algumas tascas estão sempre prontas para servir refeições aos clientes que as desejarem.



As tascas, tasquinhas ou tabernas representavam 132 estabelecimentos há 40 anos. Hoje 27 resistem à modernização e tentam manter seus clientes frente ao avanço dos *snacks* e *pubs*. Localizadas principalmente na Baixa, as tascas sempre foram sinônimo de rasca – algo ordinário – por acomodar as pessoas em espaços apertados, por seu chão sempre sujo, por seu banheiro intransitável, entre tantos outros defeitos que podem ser mencionados por aqueles que não conhecem a história desses locais. No entanto, para os mais tradicionais, todos esses “defeitos” contribuem para tornar as tasquinhas lugares diferenciados, onde se pode provar um bom *vinho à lavrador*, vindo diretamente dos produtores, *sardinhas de escabeche* (file de peixe empanado em farinha de milho, frito e depois coberto por um molho de tomate com cebolas), carapaus fritos, iscas de fígado, *bifanas* (bifes pequenos que se comem em sanduíches), orelha fumada (orelha de porco condimentada, defumada) e *serrabulho* (carne de porco cozida no sangue e na gordura do porco, acrescida de vinho e condimentos). Tudo isso pautado pelas discussões sobre política e futilidades. Para seus frequentadores, é na taberna que se constrói um espaço de convívio saudável.

Saindo da Praça 8 de Maio, na Rua Direita temos a tasca *Aldina Lopes*. Pequena, as pessoas se dispõem apertadamente. Não se consegue ir ao banheiro se tiver alguém encostado no balcão. Mas nada disso impede que o local funcione como ponto de encontro. No largo do Romal, próxima à igreja de São Bartolomeu, o senhor Norberto recebe seus clientes com um pano de prato em um dos ombros, enquanto cuida de sua cachorra. Numa rua próxima ao Arco da Almedina, a tasca de Dona Ermelinda serve vinho, direto da pipa, por 25 cêntimos. E assim as tabernas de Coimbra tentam sobreviver.

### **Pequenitos prazeres**

Vitrines açucaradas. Gigantescos suspiros convidam você a entrar e saborear ao menos um docinho. Por todos os cantos, a cada esquina, a cada quadra da Baixa as pastelarias chamam para si os olhos e o estômago dos que por lá transitam.

Não há o vermelho, o azul ou o verde dos doces que podem ser vistos cá, nas docerias do Brasil. Não há colorido. O que predomina são justamente os tons pastéis nas confeitarias portuguesas.

Os pastéis de Tentúgal viajam das artesanais cozinhas em que são fabricados até chegarem às pastelarias de Coimbra. Logo são dispostos nas vitrines, como se fossem feitos para presente. Uma massa finíssima, mais transparente que uma folha de papel-manteiga, recheada com um suave creme de ovos, coberta com pouquíssimo açúcar de confeitiro. O creme pode ou não estar misturado a amêndoas ou com doce de gila, um tipo de abóbora que lembra muito o doce de mamão verde feito no Brasil.

Engenho e arte criada pelas freiras. O suave quebrar da massa crocante, o fluir do creme de ovos invade a boca. A mistura do crocante com o creme mole e amarelado fascina.

Não se deixe enganar. Não há nada que aproxime esse doce do conceito de pastel que temos no Brasil. Portugal se destaca pela sua doçaria conventual e muitos dos seus doces levam o nome de “pastel”. Por isso pastelarias em Portugal são o que conhecemos por confeitarias ou padarias mais sofisticadas. Encontrará Pães de Deus, uma massa macia de brioche coberta com coco, açúcar e ovos; tortas de amêndoas; pastéis de nata, mais conhecidos como pastéis de Belém. Mas há uma peculiaridade: os pastéis de Belém só são reconhecidos por esse nome quando fabricados no Mosteiro de Santa Maria de Belém, na cidade de mesmo nome. Para os portugueses, o pastel de Belém é um pastel de Nata particular, enquanto todos os outros são comuns.

A qualquer hora do dia é possível desfrutar das criações conventuais. Os preços variam entre 80 cêntimos a 1 euro e 10 cêntimos... Pequenitos prazeres a disposição por toda Coimbra, especialmente na Baixa.

#### 4

### **Mondego**

As folhas castanho-amareladas espalhadas pelo chão indicam a proximidade do Rio Mondego. Para muitos é ali que se pesca bem cedo, antes mesmo dos marrecos despertarem e espantarem os peixes. Para outros, o rio é quem cede suas águas para a prática do remo. A dois, a três ou em vários, a prática se dá aos domingos, majoritariamente por crianças e jovens. Há ainda as famílias que lá levam seus *miúdos* (crianças) para andar de bicicleta ou jogar bola. Esta é também disputada pelos cães, que marcam presença no parque.

A atração, para as crianças, é o imenso urso verde de grama sintética. O desafio é escalá-lo, sem escorregar, para registrar o momento em uma fotografia. No entanto, a disputa para a escalada não se restringe apenas às crianças... Os adultos esperam, timidamente, pelo momento em que o brinquedo esteja livre e se jogam feito crianças.

Perto do meio dia, as Docas se enchem de jovens, de amigos e de famílias em busca de um lugar para se conversar, comer ou apenas ler ao ar livre. Há aqueles que se entregam aos restaurantes espalhados pelas Docas ou se fartam tomando um *gelado* (sorvete).

À noite, o espaço é tomado pelos jovens. São os bares que abrem suas portas e convidam para um *shot* (dose de bebida similar à quantidade da nossa dose de pinga). Por que não vários? O *Rock Café* é um cantinho decorado com guitarras de várias épocas, autografadas por músicos famosos, criando um ambiente moderno. Todas as terças-feiras, música ao vivo e muito calor contrastam com o silêncio e o frio de 3°C do lado de fora. O *Happy hour*, das 22h às 2h, é regado a **Sagres** (cerveja portuguesa) por apenas um euro.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** Criada em 1940, a marca de cerveja *Sagres* possui diversas opções de consumo. Existe a do tipo pilsen clara, cujo teor alcoólico é de 5%. A do tipo bohemian é uma cerveja de cor avermelhada, mais intensa e com aroma frutado. Seu teor alcoólico é de 6,2%. Existe também a opção Limalight, com 4% de álcool, feita com extrato natural de limão. Ela é mais leve e refrescante que as outras.

Entre todas as atividades que o *Parque Verde do Mondego* oferece, a mais convidativa é a de contemplação. A qualquer hora do dia, ao observar o movimento, há sempre pessoas sentadas em bancos espalhados pelo parque. Um casal conversa enquanto observa seus dois filhos brincando. A conversa é interrompida com o choro do filho menor. Perto dali, um senhor passeia com seu cachorro e um jovem lê um livro: “**O Canário**”, do jornalista e escritor Rodrigues Guedes Carvalho.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** História na qual dois personagens, um homem e um escritor famoso, são o foco da narrativa. Aquele está preso por ter matado o companheiro da mãe, esse é um escritor famoso que passa por uma crise em seu processo de criação. Questões como a vida na prisão, as relações e conflitos no interior das cadeias e sobre o que é ser prisioneiro são abordadas no romance.

O tom esverdeado do Mondego se destaca com o branco do *Convento de Santa Clara*, do outro lado da margem. A ponte pedonal, com inúmeros transeuntes a ir e vir leva você ao outro lado do rio. É fim de tarde e os raios de sol se refletem nas águas do rio.

Para além da ponte pedonal uma área traz testemunhos da história de amor entre Pedro I e Inês. É O *Jardim Quinta das Lágrimas*. Mas, à caminho do jardim, outro espaço revela um pouco sobre a história de Portugal: é o *Portugal dos Pequenitos*.

### O país visto pelos olhos dos pequenos

Uma estratégia pedagógica fez surgir, pelas mãos de **Bissaya Barreto** um mundo em miniatura onde se pode passear pelos diversos estilos arquitetônicos de Portugal. O *Portugal dos Pequenitos* é um parque temático visitado majoritariamente por crianças. Talvez esteja em seu público a razão desse universo ser todo em miniatura. As principais regiões do país, com destaque para Lisboa, Trás-os-Montes, Douro, Minho e Beiras estão retratadas aqui. Mas a atração em que as crianças mais se divertem é a miniatura das casas tradicionais do Norte e do Sul de Portugal. Madeira e Açores também estão retratados, mas rodeados por grandes lagos, tentando ilustrar a localização geográfica das ilhas: no Oceano Atlântico.

**INFORMACAO LATERAL: Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa**, conhecido por **Bissaya Barreto**, foi professor de [Medicina](#) da [Universidade de Coimbra](#) e político. Colega de [Oliveira Salazar](#) na universidade, sempre foi seu grande admirador. Bissaya liderou diversas campanhas contra a [tuberculose](#), a [lepra](#) e a [loucura](#). Ficou conhecido por criar centros de tratamento para a lepra, asilos, institutos maternais e principalmente por ser o idealizador do parque “Portugal dos Pequenitos”.

Brasil, Macau, Índia e Timor, conhecidos como os países de expressão portuguesa, também se edificam no parque. Mas não apenas através de monumentos: uma vegetação específica desses países é reconstituída aqui.

Mas, no *Pequenitos*, as miniaturas não se restringem aos monumentos arquitetônicos. Dos tecidos simples às rendas mais elaboradas, o visitante pode viajar pelos trajes dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. O *Museu do Traje* expõe cerca de 300 peças em miniatura sobre a evolução da vestimenta e seus adereços em Portugal.

Réplicas de barcos de pesca, navios de carga, fragatas e aparelhos náuticos também podem ser vistos em miniatura, no *Museu da Marinha*. O requinte e a rusticidade rivalizam no *Museu do Mobiliário*, onde réplicas feitas em pau-cetim, pau-santo e pau-rosa revelam os móveis já fabricados no país.

“Lágrima são a alma e o nome amores”  
Camões

### **O amor eternizado em um jardim**

À margem sul do Mondego, o *Jardim da Quinta das Lágrimas* se edifica esplendoroso e verde aos olhos dos visitantes. No entanto, é a tragédia que fez do jardim um monumento histórico a ser lembrado e cantado na memória nacional de todos os portugueses.

Questão de Estado ou não, o amor proibido entre Pedro I e Inês de Castro rendeu versos camonianos e fez florescer no local uma enorme biodiversidade. O jardim concentra espécies de Sequóia, Figueira da Austrália, Palmeira das Canárias, Castanheiras da Índia, Magnólia Japonesa, Pinheiro do Brasil, Tulipeiro, Teixo da China, Camélia, Cerejeira... Enfim, uma infinidade de árvores que protegem a história entre os dois amantes.

Pedro, filho e herdeiro de Afonso IV, fora obrigado a casar-se com Constança, princesa de Castela, mesmo estando apaixonado por Inês. Após a morte de Constança, Pedro procura novamente Inês, em Coimbra, e passa a viver com ela até a sua trágica morte a mando de Afonso IV.

A lenda, surgida após o assassinato da jovem, edificou, no *Jardim Quinta das Lágrimas*, duas fontes. Dizem os portugueses que a primeira, chamada *Fonte das Lágrimas*, “brotou” das lágrimas que Inês chorou ao ser assassinada. O seu leito é avermelhado até hoje por ter recebido o sangue de Inês. A segunda fonte - *Fonte dos Amores* - é assim nominada por ter sido testemunha da paixão entre o casal.

## **Parte II**

### **Paisagens que revelam o país**

A pequena extensão territorial de Portugal, com seus 92 152 km<sup>2</sup>, favorece o visitante a conhecer o país em pouco tempo e sem grandes gastos. De trem, ônibus ou carro, são vários os destinos possíveis. Trago abaixo relatos sobre algumas cidades que visitei e deixo o convite para o leitor descobrir um pouco desse país.

### **Castelo, arcas e confrarias**

Montemor-o-velho é a cidade em que nasceu Fernão Mendes Pinto (1510-83), viajante famoso por seus relatos sobre o Oriente. No entanto, a cidade revela histórias que antecedem as navegações. É sob os campos de arroz e de milho, ao lado do rio Mondego, que se edifica um castelo. A fortaleza, juntamente com castelos de Miranda, Penela, Soure e Santa Eulália, foi responsável pela defesa de Coimbra contra o avanço dos mouros. O castelo mudou várias vezes de mãos, e guarda em sua arquitetura uma mistura de elementos romanos e islâmicos. Entre as curiosidades, a historiografia portuguesa revela que a morte de Inês de Castro foi planejada no Paço das Infantas do castelo.

Uma lenda relacionada ao Rio Mondego também faz parte da história do edifício. No fundo de uma cisterna, dentro do castelo, existiria uma arca cheia de riqueza e outra cheia de peste. Os portugueses acreditam que essa lenda está relacionada com o papel do Mondego na região. O rio propiciava as trocas comerciais com os fenícios, fazendo chegar o ouro. Mas também trazia a peste a partir de suas cheias, que provocavam na população muitas doenças, entre elas o tifo e a malária.

Quando visitei o castelo, o que mais me impressionou foi um almoço que por lá estava acontecendo. Era uma reunião de confrarias portuguesas... Eu não sabia o que uma confraria representava. Mais tarde descobri que em Portugal existem as Confrarias Gastronômicas. Elas servem para preservar alguns traços da cultura de cada região do país. Reuniões acontecem frequentemente entre as confrarias do país para divulgar produtos e costumes de determinada localidade. Existem diversas confrarias: Confraria dos Gastrônomos e Enófilos de Trás-os-Montes e Alto Douro, Confraria do Queijo da Serra da Estrela, Confraria Gastronômica do Alentejo, Confraria do Arroz e do Mar, entre outras. Esta última foi a que vi quando estive no castelo.

A Confraria do Arroz e do Mar existe desde 2003 e as tarefas a que se propõe são “A defesa, valorização, difusão e promoção da cozinha regional, nomeadamente a que inclua o arroz e o pescado da Figueira da Foz e do Baixo Mondego e a propaganda dos vinhos da região”.

### **Vestígios romanos**

Oliveiras recebem o visitante. À primeira vista, não parece que ali esteve uma civilização antiga. Mas, depois de um pouco de caminhada, escavações ainda em andamento revelam a importância histórica de Conímbriga, o maior sítio arqueológico de Portugal, localizado a apenas 15 km de Coimbra.

Sob o comando do imperador romano Augusto, em 25 a.C foram construídos o fórum, aqueduto e termas, proporcionando a Conímbriga o status de cidade. É na *Casa de Cantaber*, uma das maiores mansões descobertas do Império Romano do Ocidente, que se pode constatar o desenvolvimento dessa civilização. Piscinas com jardins já contavam com sistema de aquecimento. Os mosaicos romanos deixam suas marcas no jardim central da Casa das Fontes.

Para compreender melhor o nível de complexidade dessa civilização, reserve um tempo e visite o Museu Monográfico. Bustos romanos, lápides, moedas e artefatos celtas podem ser vistos no local.

### **O refúgio das Carmelitas**

Em 1622 as mulheres foram banidas, pelo papa, da hierarquia católica. Em Portugal elas criaram seu próprio refúgio na Serra do Buçaco. Com uma área de 1,05 milhão de m<sup>2</sup>, um convento e pequenas capelas foram espalhados entre cerca de 700 tipos de árvores nativas e exóticas.

Fazer uma caminhada, partindo do Palace Hotel do Bussaco, em direção ao topo da Serra, acompanhando a via Sacra retratada nas pequenas capelas, pode revelar um pouco do que foi a vida dos ermitões, que passavam seu tempo isolados na floresta.

Ao mesmo tempo em que a diversidade das espécies existentes na floresta pode revigorar, a opressão das cenas da via sacra domina toda a caminhada. É no ponto mais

alto da floresta, no mirante da Cruz Alta, que vem a sensação de liberdade: a vista para o mar.

O local não serviu apenas para aqueles que buscavam paz espiritual. Em 1810, a Mata do Buçaco foi ocupada por tropas britânicas e portuguesas para defender Coimbra da invasão francesa.

### **Um presente para a Rainha**

Casas brancas com flores arroxeadas e avermelhadas decorando as sacadas. Pelas ruas tortuosas, de traçado medieval, a vilazinha de Óbidos se revela aos olhos dos visitantes como um local muralhado. Toda a população vive dentro da muralha, uma espécie de reduto onde fazem parte um castelo do século XII, hoje transformado em pousada, um pelourinho, a igreja de Santa Maria e a igreja de São Pedro, além do Museu Municipal.

A igreja de Santa Maria foi escolhida para celebrar o casamento entre Afonso V e sua prima Isabel, em 1441. Na época ele tinha 10 anos e ela apenas 8. Já que o assunto é casamento, bem antes desse, em 1282, Óbidos esteve entre os presentes que o rei Dinis, conhecido como *O lavrador* (por ter estimulado a agricultura e o comércio), deu a sua esposa, Isabel de Aragão, que mais tarde se tornaria a rainha Santa Isabel (famosa pelos seus atos de caridade junto à população portuguesa).

Andando pela rua Direita, a principal da vila, o visitante encontra inúmeras lojas que comercializam a ginja, um saboroso licor de cerejas.

### **Romeu e Julieta português**

A cidade de Alcobaça abriga a maior igreja de Portugal, o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Ele surgiu de uma promessa do rei Afonso Henriques. Caso ele conquistasse Santarém, construiria uma igreja para os cistercienses. A conquista se deu em 1147 e a construção começou em 1178, tornando-se sagrada apenas em 1252.

De arquitetura medieval, o mosteiro é considerado a primeira obra inteiramente gótica de Portugal, além de ser o segundo panteão nacional (o primeiro é a já citada igreja de Santa Cruz, em Coimbra), pois ali estão enterrados Pedro I e Inês de Castro.



O título de “Patrimônio da Humanidade”, pela Unesco, faz sentido ao adentrá-la. As colunas altas da nave central dão ao visitante a sensação de pequenez. Na Sala dos Reis, estátuas revelam os monarcas portugueses. Mais à frente, os túmulos do casal Pedro e Inês impressionam pelos detalhes das esculturas. Eles estão dispostos frente a frente, com o intuito de que possam se reencontrar no dia do juízo final.

### **Capelas imperfeitas**

Na cidade de Batalha, mais uma igreja foi construída em nome da vitória de um rei sob seu inimigo. O Mosteiro de Santa Maria da Vitória representa a concretização de um voto feito à Virgem por aquele que viria a ser o rei D. João I, caso lhe fosse concedida a vitória sobre o exército castelhano na Batalha de Aljubarrota, em 1385.

As obras do mosteiro começaram em 1386 e duraram até cerca de 1517. Em 1388, o mosteiro foi entregue à Ordem de São Domingos de Gusmão. No entanto, a igreja teve suas obras interrompidas devido à construção de outras igrejas.

É aí que se pode observar a beleza das capelas inacabadas ou imperfeitas. Em forma octogonal, o local não foi terminado devido às obras do Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa. Sem cobertura no teto, a luz do sol se reflete sobre os detalhes que ornamentam o **Portal Manuelino**. Em 1983, a Unesco reconheceu o local como Patrimônio Mundial da Humanidade.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** Estilo Manuelino é uma corrente artística, sobretudo arquitetônica, que floresceu em Portugal no século XVI, durante o reinado de D. Manuel I, o Venturoso. A base da decoração são os motivos náuticos ou alusivos às grandes descobertas. Tais elementos se difundiram sobretudo na ornamentação de janelas, rosáceas e portais. A arte manuelina também apresenta traços mouriscos e orientais.

### **A expressão dos templários**

A cidade de Tomar tem sua origem ligada à Ordem dos Templários. Fundada em 1162 pelo primeiro grão-mestre da ordem em Portugal, Gualdim Pais, o destaque da cidade fica por conta do castelo que abriga o Convento de Cristo (que foi morada dos primeiros habitantes de Tomar).

Durante os séculos XII e XIII, os cruzados da ordem dos Templários ajudaram os portugueses na batalha contra os “infiéis” mouros. Como recompensa, receberam terras e poder político. Muitos castelos, igrejas e cidades surgiram nesse contexto.

Em 1312, o papa Clemente V eliminou a ordem, mas ela permaneceu ativa em Portugal como Ordem de Cristo. Foi com os recursos dessa ordem que o infante D. Henrique, “o navegador”, colocou a nação portuguesa como pioneira nas descobertas marítimas do século XV. O emblema da ordem, uma cruz quadrada, acompanhava as velas das caravelas.

Dentro do Convento de Cristo, dedique parte de seu tempo para admirar a Charola. Ela representa o núcleo do mosteiro e serviu de oratório dos templários. Seu desenho tem como base a Rotunda do Santo Sepulcro de Jerusalém. Em forma de octógono, a decoração da charola reproduz, por meio de quadros e afrescos (em ouro), cenas bíblicas.

### **Terra de sapateiro-poeta**

As grandes muralhas dão acesso a uma das cidades que fazem parte do roteiro das aldeias históricas de Portugal, Trancoso. A pedra predomina na maior parte das construções da cidade, como o pelourinho, o castelo, a Igreja de São Pedro e as casas.

A porta medieval é uma homenagem ao rei D. Dinis, que se casou em Trancoso com Isabel de Aragão, em 1282. Ofereceu a vila à rainha como presente de casamento (assim como fez com a já citada Óbidos). Foi ele também quem instituiu, em 1304, a primeira feira franca (sem restrições) em Portugal.

Aqui é possível descobrir mais sobre a forma como os judeus viviam. No século XV, eles se estabeleceram na cidade e deixaram suas marcas na arquitetura de Trancoso. Suas casas são facilmente identificadas por duas portas. A mais larga servia para o comércio a que se dedicavam, e a mais estreita era para uso doméstico. A Casa do Gato Negro, no Largo Luís de Albuquerque, antiga sinagoga e residência do rabino, é um dos exemplos mais emblemáticos.

Um dos judeus mais conhecidos de Trancoso foi Bandarra (1500-45), um sapateiro poeta que “profetizou” o futuro de Portugal e serviu de inspiração a muitos escritores.

## **A origem dos Braganças**

Guarda, a cidade mais alta de Portugal, a 1 056 m, fica em uma colina a nordeste da Serra da Estrela. O nome revela o seu papel inicial: proteger as fronteiras do país. Lá é possível, dependendo da estação do ano, ver a neve cair e cobrir as ruas da cidade.

A cidade também teve uma comunidade judaica ativa. Prova disso é a união de João I com uma judia. Ao visitar Guarda, João I teria se apaixonado por Inês Fernandes, a filha de um sapateiro judeu. Dessa união nasceu um filho, Afonso, que recebeu, em 1442, o título de primeiro duque de Bragança. Duzentos anos depois, seu descendente subiu ao trono como João IV, o primeiro dos monarcas Bragança.

### **Parte III – A repórter revela**

#### **5**

#### **Brasileiros em Portugal**

Portugal e Brasil se declaram irmãos transatlânticos e a cada dia que passa estreitam mais os laços culturais. Mas, na prática, a ideia que os portugueses fazem de nós parece ser outra. Vendemos ao país, através da mídia brasileira, principalmente das nossas telenovelas (que, por sinal, fazem um sucesso enorme entre os portugueses) uma imagem estereotipada.

Para muitos o Brasil é o país do carnaval, do futebol e da violência. Certa vez uma portuguesa chegou a me perguntar se no Brasil não trabalhávamos? Não compreendi muito bem a indagação, mas logo ela me forneceu elementos para isso: “é que vejo na televisão que vocês ficam nas ruas sambando o dia todo”.

Mesmo sendo o maior grupo de imigrantes no país, 116 220, perdendo apenas para os ucranianos, 52 293, somos vistos sob o estigma da malandragem, para os homens, e da prostituição, para as mulheres. Esse número de imigrantes gera uma acomodação no mercado de trabalho e conseqüentemente isso se reflete na forma como somos recebidos. Os portugueses acham que estamos ali ou para roubar-lhes o emprego ou o marido.

De acordo com dados publicados pela embaixada de Portugal no Brasil, em 2009, realizaram-se 4634 casamentos de portugueses com estrangeiros, 11,5% do total das uniões. Dessas uniões, 48% foram entre portugueses e brasileiras, e 11% entre portuguesas e brasileiros, representando 4634 uniões. Com esses números pode-se constatar que os homens portugueses casam-se mais com brasileiras. No entanto, nem sempre essas uniões terminam bem. Alguns relatos revelam casos em que brasileiras se casam apenas para conseguir a legalização no país.

Um estudo intitulado “Imigração Brasileira em Portugal”, de julho de 2007, realizado pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (Acidi), revela que "o crescente número de casamentos mistos, envolvendo portugueses, particularmente homens, e brasileiras, bem como alguns movimentos sociais informais que tendem a responsabilizar as mulheres brasileiras pelas mudanças sociais que estão ocorrendo nas famílias portuguesas (aumento do número de divórcios, diversificação

dos modelos familiares) contribuem para reforçar e generalizar a imagem das mulheres brasileiras que "apenas querem encontrar parceiros portugueses" ou ainda a imagem das mulheres brasileiras como prostitutas".

Nesse cenário surge uma questão de âmbito social e econômico: a prostituição de brasileiras em Portugal. Caso claro em relação ao impacto disso na sociedade portuguesa foi o caso das "Mães de Bragança". Em abril de 2003, portuguesas da cidade de Bragança, localizada na região de Trás-os-Montes e Alto Douro de Portugal, reuniram-se para expulsar brasileiras *alternes* (como são chamadas as prostitutas em Portugal) através de um abaixo-assinado, entregue ao chefe de polícia do distrito, no qual atribuíam às "meninas" a responsabilidade pela movimentação noturna e também pelo aumento do índice de criminalidade na cidade. Além disso, as portuguesas responsabilizaram as brasileiras pelos problemas em seus casamentos.

Um estudo realizado, pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de Portugal, entre novembro de 2006 e fevereiro de 2007, com o objetivo de identificar o perfil da prostituição brasileira no país, mostra que a maioria dessas mulheres opta por esse caminho em busca de melhores condições de vida, fugindo da pobreza no Brasil. Elas chegam a Portugal através do *Espaço Schengen* - livre de controle alfandegário para os cidadãos da Comunidade Europeia - principalmente pela Espanha (44%) e França (19,4%). 30% delas ingressam diretamente em Portugal. A maior parte é natural de Goiás (29,7%) e de Minas Gerais (18,1%). Mais da metade encontra-se em situação irregular no país.

Embora muitas brasileiras em Portugal trabalhem em restaurantes, hotéis, atendimento em lojas e no setor doméstico, o estereótipo de prostituta é o que tem mais força no país, fazendo com que todas as brasileiras, ao menos uma vez, tenham sido tratadas com certa hostilidade (tanto por homens quanto por mulheres portuguesas). Os homens chegam a ter atitudes que podem ser consideradas assédio sexual, implícito ou explícito.

### **Viver em Coimbra**

Chegar a Coimbra, assim como a qualquer outra cidade portuguesa, pode significar chegar a uma cidade que fala literalmente outra língua. Para os brasileiros que

acreditam que por se tratar de português, assim como o nosso, não existem muitas diferenças, esses poderão se surpreender. As frases rápidas e enroladas, o sotaque e a entonação reservam muitas peculiaridades. O uso da segunda pessoa pode transportá-lo para outro século, a não ser que se esteja habituado a ler textos de autores portugueses. Ao se dirigir a algum português por “você” será inicialmente bem visto. O pronome “tu” é tido como informal e o “você” como formal.

As denominações diferentes podem provocar confusões e embaraços aos mais desavisados. É possível compreender alguns significados intuitivamente, outros só através do uso. *Auto-carro*, para ônibus. *Comboio*, para trem. *Passadeira de peão*, para a faixa de pedestre. *Paragem*, para ponto de ônibus. *Briol*, para dias de muito frio. *Fixe* ou *giro*, para algo ou alguém legal. *Puto*, para menino/garoto. *Sítio*, para lugar. *Banda desenhada*, para quadrinhos. *Camisola*, para camiseta. *Casa de banho*, para banheiro. *Autoclismo*, para descarga de banheiro. *Dobragem*, para dublagem de filme. *Bairro de lata*, para favela. *Rotunda*, para rotatória. *Coima*, para multa. *Sandes*, para sanduíche. *Prego*, para sanduíche de filé. *Cacete*, para bisnaga de pão. *Chávena*, para xícara. *Rebuçado*, para bala (de chupar). *Bica*, para cafezinho. *Meia de leite*, para café com leite. *Sumo*, para suco. *Palhinhas*, para canudos de beber. *Auscultador*, para fones de ouvido. *Malta*, para galera. *Imperial*, para chope. *Verniz*, para esmalte de unha.

Há também as expressões. *Cortar na casaca*, corresponde a falar mal de alguém, *andar a apanhar papéis* seria algo como o nosso viajar na maionese. *Bueda fixe* (ou *bué fixe*) ou *giríssimo* seria o equivalente ao muito legal. É preciso cuidado para não ser mal interpretado ou alvo de risadas. *Fila* quer dizer gay. *Duréx* é uma marca de camisinha. *Broche* quer dizer sexo oral.

Não posso deixar de registrar que ouvi de muitos portugueses a afirmação de que nós falamos “brasileiro”, ou seja, alguns deles não reconhecem a existência de uma raiz comum entre os nosso português e o falado por eles.

Para completar esse quadro de preconceito linguístico, ouvi de alguns portugueses que falamos um “português atrasado”. Me explico: para eles usamos palavras que em Portugal caíram em desuso há muito tempo, como, por exemplo, *açougue*. Hoje eles falam *talho* e veem nisso uma “evolução” em relação a nós. De outros ouvi algo que talvez seja mais simpático e carinhoso: “você fala um português açucarado”, por falarmos mais devagar e “cantado”.

Não são apenas preconceitos em relação à língua de que os brasileiros são alvo. Poucos, para não dizer raros, são os portugueses que se dispõem a se sociabilizarem conosco. Somos vistos com desprezo pelos nossos “colegas” de cadeira. Eles não nos cumprimentam e raramente nos dirigem a palavra. Somos quase transparentes em sala de aula. Só não totalmente porque um no recinto lembra que existimos: o professor. Este se mostra educado e interage com nós. Sempre faz questão de mencionar nosso nome, nossa nacionalidade, inserir-nos na discussão ou citar a ligação do Brasil e de Portugal.

Para os conimbricenses, temos costumes estranhos e caros, como o de tomarmos muito banho. Não gostam de nos alugar quartos porque representamos um gasto maior no orçamento da senhoria (É muito comum os conimbricenses alugarem parte de sua casa para estudantes. Normalmente aluga-se 1 quarto e divide-se a cozinha, banheiro e lavanderia. Alguns oferecem serviço completo: lavam e passam a sua roupa e fazem sua comida). Também somos tidos como péssimos passageiros de ônibus, porque insistimos em abrir as janelas do ônibus. Faça calor ou frio, as janelas do auto-carro devem sempre estar fechadas em Coimbra. Caso contrário, corre-se o risco de ser agredido verbalmente e ser acusado de causar a constipação de todos no local. Claro que há exceções aos tratamentos preconceituosos destinados aos brasileiros. Sara, de quem falarei no capítulo a seguir, é uma portuguesa acolhedora e muito solícita.

Diante desse quadro hostil aos brasileiros, resta-nos se apegar às belezas arquitetônicas e históricas da cidade e ao convívio com os novos colegas, boa parte deles brasileiros, alguns italianos, espanhóis e alemães. E - como não dizer - nos apegarmos ao Mondego, destino certo para momentos de reminiscências do Brasil, de nossa gente e de nossa comida.

Não há como deixar de falar sobre a comida portuguesa. Alguns pratos típicos conquistam rapidamente o turista. O bacalhau com natas, prato preparado com bacalhau desfiado, refogado na cebola com batatas fritas e coberto com molho branco e nata (creme de leite fresco) é um deles. Outro é o bacalhau à Brás, uma mistura de bacalhau desfiado, batata frita e ovo. Diz-se que o prato teve origem em um taberneiro de nome Braz que teve a ideia de misturar bacalhau desfiado com ovos mexidos e batatas.

Há também o queijo da Serra. Em temperatura ambiente, é tão cremoso que para consumi-lo só mesmo de colher. De fabricação artesanal e técnicas transmitidas de geração para geração, ele é considerado o melhor queijo português. No inverno é

extraído o leite das ovelhas (criadas na Serra da Estrela) utilizado no seu preparado. Antigamente, o sucesso desse queijo era garantido pelas temperaturas das mãos das mulheres que o preparavam em cozinhas de granito. Hoje ele é produzido em pequenas fábricas, em rodas de 1,5 kg a 2 kg. A região onde o queijo é produzido ficou eternizada em um poema de Camões. Os portugueses acreditam que foi aqui que o escritor se apaixonou por uma pastora.

### **TEXTO EM PÁGINA DESTAQUE**

Cantiga alheia

Pastora da serra,  
da serra da Estrela,  
perco-me por ela.

Nos seus olhos belos  
tanto Amor se atreve  
que abrasa entre a neve  
quantos ousam vê-los.  
Não solta os cabelos  
Aurora mais bela:  
perco-me por ela.

Não teve esta serra,  
no meio da altura,  
mais que a fermosura  
que nela se encerra.  
Bem céu fica a terra  
que tem tal estrela:  
perco-me por ela.

Sendo entre pastores  
causa de mil males,  
não se ouvem nos vales



senão seus louvores.  
Eu só por amores  
não sei falar nela:  
sei morrer por ela.

De alguns que, sentindo,  
seu mal vão mostrando,  
se ri, não cuidando  
que inda paga, rindo.  
Eu, triste, encobrimo  
só meus males dela,  
perco-me por ela.

Se flores deseja,  
(por ventura delas)  
das que colhe, belas,  
mil morrem de enveja.  
Não há quem não veja  
todo o melhor nela:  
perco-me por ela.

Se na água corrente  
seus olhos inclina,  
faz luz cristalina  
parar a corrente.  
Tal se vê que sente  
por ver-se água nela:  
perco-me por ela.

Os supermercados da cidade oferecem variedade e servem de consolo para qualquer tipo de frustração em terra estrangeira. O *Continente*, o *Pingo Doce*, o *Mini-preço* e o *Jumbo* são destinos que podem revelar muito dos hábitos portugueses. A

comparação com o Brasil é inevitável. Afinal, muitos produtos que chegam a Portugal a preços de banana no Brasil são caríssimos. São as vantagens do livre mercado. *Pringles* a 1,70, chocolates suíços e belgas a 2,00. Queijo tipo *gouda*, fatiado, a 2,00 a bandeja. O pedaço de *Camembert* a 1,75.

Feijão é vendido já cozido, em latas ou vidros, mas não tem o nosso popular carioquinha. O tipo que mais se aproxima desse é o feijão tipo Madeira. Os queijos são os mais variados possíveis, de todos os tipos – de leite de cabra, de ovelha, de vaca – e tamanhos. Cereais matinais são sofisticados, com avelã, amêndoas, castanhas, frutas cristalizadas e com um preço bem pequeno, em média 1,80 a 2,00. As geleias são muito próximas do processo artesanal, com pedaços generosos de fruta e também são muito em conta. O que é caro, mesmo não convertendo o valor em euro para o real, são os produtos brasileiros. A farinha de mandioca e os chocolates da *Garoto* representam artigos de luxo.

Em relação às frutas, as que são vendidas no Mercado Municipal de Coimbra são mais vistosas e saborosas, pois os agricultores se encarregam de vendê-las diretamente para a população. Os morangos não são vendidos na bandeja, mas um a um, por quilo. As uvas são muito doces, especialmente as do tipo moscatel. As bananas são do tipo Madeira, mas confesso que não me acostumei ao sabor (são muito doces e amadurecem rapidamente). Nos supermercados o destaque fica por conta dos **melões**. Os do tipo sapo são importados do Brasil e chegam em Portugal de avião.

**INFORMAÇÃO LATERAL:** Em 2009, de acordo com dados do projeto *Brazilian Fruit*, o Brasil exportou 23.335 toneladas de frutas para Portugal, representando US\$ 22.705. Destes 2 677 Kg foram melões.

Nos supermercados, ou melhor, em qualquer estabelecimento comercial, o respeito ao consumidor existe na prática e não apenas nos códigos de defesa, tal como acontece no Brasil. Os caixas dão corretamente o troco. Não existem as nossas conhecidas frases: “Posso ficar te devendo 5 centavos?” ou “posso te dar o troco em bala?”. Em Coimbra 1 cêntimo é devolvido para o cliente sem que esse cobre.

Sobre a forma de atendimento ao cliente, alguns comportamentos não são tidos como corretos pelos brasileiros. Por exemplo, os taxistas não ajudam a colocar a mala no bagageiro, muito menos a retirá-la. Pode parecer algo insignificante, mas não para alguém que chega a um país pela primeira vez. As pessoas não lhe dizem “olá”, “bom

dia” ou um “posso ajudar” ao você entrar em algum estabelecimento comercial. A impressão que se tem é de que você incomoda. Nos restaurantes não existe a menor vontade de explicar o que é determinada comida. O óbvio pode não ser tão óbvio para um estrangeiro. Mas no trânsito parece que o respeito vale para todos. Não há distinção de nacionalidade. Ao menor movimento que demonstre a intenção de atravessar a rua, os carros já param. Não é necessário que o farol esteja aberto para os pedestres, eles têm sempre a preferência.

A cidade reserva surpresas climáticas para os turistas que a visitarem durante o outono e o inverno. Nessa época, a cidade é caracterizada pelas chuvas e pelas temperaturas que variam entre os 10°C e -1°C. Mesmo com a calefação que a maioria dos ambientes possui, o problema é sair na rua e driblar o frio e a chuva. Para transitar na cidade sem surpresas, sempre é bom ter um guarda-chuva e um par de galochas.

E para obter esses acessórios não é preciso ir muito longe. As lojinhas dos chineses estão espalhadas por toda Coimbra. Elas são parecidas com os nossos “1,99”, mas ali não são apenas os produtos que são chineses ou coreanos, os donos também são e não saem de trás do caixa por nenhuma razão. Não falam português, não entendem a língua e muito menos negociam a mercadoria com o cliente. Leva o produto quem quiser, se tiver gostado da aparência, mas não por alguma intervenção do lojista, pois esse só dá o seu troco.

Um pensamento doloroso para qualquer brasileiro no momento das compras: “tantos euros equivalem a tantos reais”. Esse é o raciocínio que nunca deve ser completado, afinal “quem converte não se diverte!”. Em tempos de crise econômica, como a de 2008, o euro chegou a valer R\$ 3,55. Na ocasião, a conversão representava não apenas algo doloroso, mas limitava qualquer regalia aos brasileiros.

## 6

### **Retrato de uma lisboeta**

Dos cerca de 70 alunos da aula de História do século XX, apenas ela me dirige a palavra. Não sei precisar como aconteceu nossa primeira conversa, talvez por uma proximidade física. Acredito que nos sentamos próximas no auditório semi-circular, do 6º andar, da Faculdade de Letras da Uc (Fluc).

Bancos desconfortáveis, de madeira, distribuem os alunos no auditório. Alguns se arriscam a sentar-se nas laterais, mas a maioria da turma centraliza-se e prefere o fundo à frente. A proximidade com aquele que fala à sua frente, o professor, não é quesito importante para uma turma recém-ingressa na universidade. Os maiores anseios estão concentrados na praxe, na Latada que está por vir e nos novos amigos.

A garota sentada ao meu lado é Sara Oliveira. Lisboeta da freguesia de Santa Justa, Sara retornou ao “continente”, como ela mesma faz referência a Portugal, para fazer jornalismo na Uc. Nasceu em Lisboa, mas ainda pequena, com apenas 1 ano, deixou a cidade. Mudou-se para São Miguel, uma ilha dos Açores. O pai é oficial da Marinha (atualmente está na reserva e só é chamado em caso de guerra) e essa função sempre lhe exigiu mudanças constantes. A família o acompanhava sempre: esposa, seus dois filhos - Sara e o irmão mais velho - e sua sogra.

Devido às comissões do pai, Sara, aos 5 anos, mudou-se para Faial, outra ilha dos Açores, mas não sabe ao certo quanto tempo por lá ficou. Consegue apenas recordar como eram seus dias. “Quando eu não brincava no bairro com os meus amigos, subia uma rua muito inclinada, como as ruas de Coimbra, e ia ter ao serviço do meu pai. Como ele tinha muito o que fazer, deixava-me com uns oficiais que lá trabalhavam: o Mendonça e o Silva. O Mendonça era alto e magro e o Silva mais baixo e gordo, com barba branca e farfalhada. Uma espécie de bucha e estica. E então eles tinham lá uma máquina de escrever. Ora, com aquela idade eu não sabia escrever, mas gostava da sensação das teclas e da importância de estar ali no meio de oficiais e a escrever. Ainda hoje penso em como estarão aqueles dois homens e se eles ainda se lembrarão de mim”.

Há algum tempo a família fixou residência em São Miguel, ilha que ela própria define como um daqueles locais editados no *photoshop*. “As paisagens de São Miguel são muito mais bonitas que as do continente. As nossas lagoas são bonitas e estão muito bem arrançadas. Chegamos lá e sentimos que estamos a respirar ar puro”. Sara reside em Ponta Delgada, cidade que, na sua opinião, oferece tudo. Mas esse “tudo”, para a jovem, significa ter o “mar ao pé”. Mar esse que ela chama de piscina natural. Ponta Delgada reserva uma particularidade: a Lagoa das Sete Cidades, que é “metade verde, metade azul”. Obra da natureza, nenhum produto químico lhe foi acrescentado

“Tudo o que é verde ou que tenha mar agrada-me. Adoro praia! O sol, o som e o cheiro do mar, estar estendida na areia sem preocupações. As praias dos Açores (julgo que de todas as ilhas) são de areia preta porque são ilhas vulcânicas, mas as praias do

continente são de areia branca. Eu gosto das duas, mas a maioria prefere a branca porque se pega menos à pele... Mas por mim, desde que seja praia e bem limpa, é bonita!”. A jovem, acostumada com o ar fresco e o cheiro vindo do mar, teve um choque ao se deparar com as ladeiras de Coimbra e o sol às suas costas, sem ter onde se refrescar.

Sara se considera uma típica portuguesa que adora um *cozido à portuguesa*, *chicharros*, leitão, feijoada e sardinhas. Dessas ela não deixa nada para trás: “nem espinhas, nem rabos nem as cabeças”. Além do mar, sua outra fixação é o futebol. A jovem já fez parte de uma equipe, mas, por ter se lesionado, foi obrigada a deixar os treinos “Posso dizer que sou uma portuguesa que liga muito ao futebol. É o nosso orgulho e a nossa tortura (volta Scolari!). Eu costumava jogar futebol, mas o futebol feminino em Portugal ainda é muito fraco e os que dispensam tempo a treinar um grupo de raparigas nem sempre são aqueles que merecem o título de treinador”. Sobre o futebol português, Sara não tem reservas para fazer críticas. “Sou totalmente contra essa propaganda toda que se anda a fazer em volta do Cristiano Ronaldo. Para mim não passa de mais um fedelho que não tinha nada e enriqueceu de um dia para o outro e não tem quem o oriente. E, para piorar, a mãezinha dele é outra otária (como você dizem no Brasil) que em vez de lhe meter juízo, ainda alimenta os meios de comunicação. É nesses momentos em que a seleção se torna “a *equipa* de Cristiano Ronaldo” que o futebol me mete nojo”.

A jovem de 18 anos, recém-ingressa na Uc, já colabora no jornal *A Cabra*, da Associação Acadêmica de Coimbra. Diz-me ela, emocionada pelo seu desempenho no jornal: “N’A Cabra, a minha melhor experiência foi quando, depois de ter sido convidada e ter aceitado ser a próxima editora de Ciência e Tecnologia, fazer um artigo sobre a ida do homem à Lua (na comemoração dos 40 anos) e a conspiração que surgiu com base nesse tema. Eu própria era um pouco cética e isso tornou a pesquisa muito mais interessante, porque eu queria mesmo pressionar a ponto de haver alguma falha, mas não a ponto de escrever uma mentira com base nas minhas especulações”.

Apesar de estar envolvida com a prática jornalística, Sara não se diz satisfeita com o curso de jornalismo. Acha-o muito teórico, não aceita o conservadorismo dos professores e lança críticas diretas às modificações inseridas, no ensino, previstas no Acordo de Bolonha. “Acho o curso muito mal estruturado. Passamos 3 anos a falar de teorias da comunicação social, quem inventou, quem mudou, como comunicamos. E a

política? E a economia? E a cultura geral que os jornalistas têm que ter? Explico o porquê da minha insatisfação: durante 6 semestres (que é o tempo que dura a licenciatura) e 10 semestres (licenciatura+mestrado) os professores são sempre os mesmos. E o mal dos professores universitários é que, talvez por se acharem superiores, parece que guardam uma fotografia com o nome do aluno que não gostaram, porque assim nunca se esquecerá de lhe dificultar a vida. Além disso, as pessoas não sabem tudo e sou da opinião que uma pessoa não é capaz de dar 6 cadeiras diferentes, porque se não são a continuação umas das outras, então é porque o tema muda, mas se o professor não muda, a cadeira passa a ser continuação da que passou. Outra razão é que os professores parecem que foram escolhidos de olhos fechados. Não há rigor nas aulas, há um que nos chama de “merda” sem problema. Eles não incentivam os alunos, não exigem a presença deles, e por aí a fora. Com o processo de Bolonha, era suposto que as cadeiras apresentassem duas opções aos alunos: ou a avaliação contínua (que excluía o exame, a menos que reprovasse nas provas durante o semestre) ou a avaliação final. Mas a maioria deles, por motivos que desconheço, só dão a hipótese de fazer por final, ou seja: podes ficar em casa o semestre todo, estudar na véspera do exame e passar que por ele é igual”.

Por todas essas razões, a recém-ingressa no curso de jornalismo já não acredita ter feito a melhor escolha. Sara pretende mudar, no próximo ano, para o curso de Gestão, uma mistura de administração e relações públicas.

“As universidades deixaram a sua reputação no passado e nem sempre ser da UC significa ter melhores qualificações do que aquele que vem do politécnico do Alentejo, ou da escola profissional da Lagoa” (FRASE DESTAQUE).

Mas a universidade não trouxe só questionamentos quanto ao curso a seguir ou em relação ao sistema de ensino universitário. Sair de São Miguel impôs à jovem uma nova rotina, com responsabilidades até então desconhecidas.

“Uma grande experiência é a de morar sozinha pela primeira vez. Sem ninguém que nos encha a despensa, sem ninguém que nos ajude a organizar a casa, sem ninguém que nos ajude a resolver um problema que tenha a ver com a casa e por aí fora. Eu, por exemplo, fiquei sem eletricidade (por falta de pagamento, porque vim de férias e só depois é que a fatura chegou lá a casa) e sem tv a cabo. É muito frustrante ter que lidar

com as aranhas que vêm do telhado, com a umidade que aparece no inverno, e com o calor que fica no verão. É mais uma experiência na qual a única vantagem é que nos faz crescer, tomar responsabilidades e ter noção que quando dizemos aos nossos pais “deixa isso, depois fazes” ou nós rimos quando eles estão zangados porque nunca mais desaparecem os bichos no quintal, não é tão agradável quanto a isso. Só faltou mesmo cortarem-me a água, mas ainda estou só no primeiro ano”.

A portuguesa que adora “banda desenhada” (história em quadrinhos), principalmente *Mafalda* e *Astérix e Obélix*, e devora avidamente *Harry Potter* e *Memorial do Convento*, já se posiciona diante de questões sociais e políticas de seu país.

“Para os portugueses, todos os outros países são melhores, as pessoas são melhores, as mulheres são mais bonitas, os homens são mais musculados, os famosos são menos *pimbas*, as músicas são melhores, e por aí adiante. Acho isso uma falta de respeito pelo país! Devíamos ser nós a construir o país, em vez disso somos os primeiros a derrubá-lo.

Muitos querem sair de Portugal, ninguém o quer mudar. Temos a mania de que somos inferiores aos outros. Isso não é nada bom para o ego português! Onde quer que passemos, somos inferiorizados. E, como já temos a mentalidade de que somos menos que eles, concordamos. Mas se eles vierem cá ter conosco a falar a língua deles, nós falamos com eles na língua deles e dizemos “*oh yes, your country is way much better than ours*”. Mas acolhemos bem os turistas e os turistas gostam muito de nós. Mas atenção: eu aceito que os turistas fora da Península Ibérica não nos compreendam e por isso tenhamos que falar a língua deles, mas não aceito que os espanhóis não nos percebam. Segundo eles, é mais fácil nós percebermos a língua deles toda entrelaçada e rápida do que eles perceberem a nossa porque falamos depressa. Ora, se falamos depressa demais para eles, até aceito falar devagar, mas nunca me irão convencer que no meu país tenho que falar espanhol”.

“O povo português só tem que aprender que Portugal é uma nação e é na união e no orgulho que podemos crescer e tornarmo-nos tão bons ou melhores do que aqueles países que sempre cobiçamos” (FRASE DESTAQUE)

Mas não é apenas sobre os portugueses que Sara tem uma opinião. A jovem considera os brasileiros muito amistosos e carinhosos. “Percebi que vocês gostam muito

do contato, porque eu recebi muitos abraços (o que não é costume cá em Portugal, a menos que sejamos muito íntimos). Além disso são muito sorridentes!”. Preconceito contra os brasileiros? Não, Sara não é de se deixar enganar pelos estereótipos. “Eu nunca estereotipei os brasileiros. Houve uma altura, cá em Portugal, que as brasileiras eram as chamadas “acompanhantes de luxo” e os brasileiros eram quase todos assaltantes. Mas nunca me deixei levar por esses comentários. É certo que realmente há muitas brasileiras que adotam essa vida cá em Portugal, mas a nacionalidade brasileira não é sinônimo de criminalidade. Eu acho-vos adoráveis! Claro que há criminosos, mas estou a falar e o primeiro-ministro do meu país está metido no já tão falado *Caso Freeport*. Portanto, a criminalidade não escolhe cores, raças ou nacionalidades”. Questionada sobre o que gosta na música brasileira, o primeiro nome que lhe vem à cabeça é o de Gabriel, o pensador, quem a jovem acredita ter uma “ótima maneira de se expressar”. Mas outros como Chico Buarque, Adriana Calcanhoto e Ivete Sangalo também estão entre os favoritos. Mas em Ivete é a energia, e não as músicas, que Sara admira.

Dos seus olhos esverdeados e com um sorriso metálico proporcionado graças ao aparelho fixado em seus dentes, Sara revela como se imagina daqui há alguns anos: “Penso muito em voltar para os Açores, começar a trabalhar e, mais tarde, tentar ajudar na evolução das ilhas mais rurais. Mas acho que vou acabar atrás de uma secretária, amontoada de papéis, numa empresa de São Miguel a tentar conciliar uns trabalhos de jornalismo”

## 7

### **Desfazendo as malas**

É com destino à estação *Coimbra-B* que saio do alojamento *Pedro Nunes*. Deixo o quarto que dividi por seis meses com a paranaense Denise. Ali ficam as noites em claro que passamos conversando sobre o nosso dia a dia. Ficam as nossas descobertas pelas ruelas da pequena Coimbra, nossas confabulações sobre os portugueses e seu jeito de viver... a vista do quarto 13, no 3º andar, voltada para as oliveiras lá fora, já não poderá ser contemplada diariamente. O percurso até a universidade não será mais feito. Os “deslizes” gastronômicos não serão mais cometidos. A cozinha onde todas as



brasileiras, uma turca e uma portuguesa dividiram as horas de descontração está vazia. Não há mais os cheiros exóticos que exalavam da comida da Melek, a turca, que não conseguia dizer mais do que “obrigada” em português e arranhava bem pouco o inglês. É cedo ainda para as reuniões que sempre aconteciam por volta das 19h, conforme todas fossem chegando da universidade e se acomodando em volta da mesa.

Descer as escadas é uma tarefa difícil e precisa ser dividida com outras pessoas. Passo pelo 2º andar, majoritariamente de portuguesas, e o silêncio, raramente percebido, caracteriza o andar. Estão todas em férias, cada uma em suas cidades, e só retornarão em março, quando as aulas reiniciam. O cheiro da sardinha frita já não incomoda.

O 1º andar também está vazio e silencioso. A ampla sala de estar parece pequena agora. Ela foi palco da reunião de fim do ano em que todas as moradoras do alojamento comemoraram o Natal com um jantar onde comeu-se de tudo: bolinho de bacalhau, frango assado, *tortilla*, arroz doce, brigadeiro. O amigo secreto finalizou a confraternização com a troca de chocolates. Nessa sala, a TV sempre foi a atração para boa parte das pessoas. A Júlia, coordenadora do alojamento, não está sentada no sofá, como habitualmente faz, assistindo a novela *A Favorita* (exibida em Portugal sempre com atraso em relação à exibição no Brasil).

O corredor que leva até a porta parece mais longo do que de costume, quando eu entrava apenas com livros e algumas compras do *Continente*. Agora as duas malas atrasam meu percurso até a saída, como se quisessem prolongar a despedida. Nas malas não são apenas roupas, livros e presentes. Entre eles, vinhos do Porto acomodados dentro de botas para não correrem o risco de quebrarem ou serem percebidos pelo raio-x no aeroporto... Coimbra representa algo compartilhado com mais inúmeras pessoas que estiveram ali no mesmo período que eu. Não tem como levar de volta algo que foi construído com um pouco de cada um... Isso não é palpável.

Saio do alojamento e o taxista reclama que eu deveria ter chamado um carro maior, pois as malas não irão caber em seu veículo. Fiz caber, sem nenhum esforço dele, que permaneceu resmungando, de braços cruzados. Parto em direção à Baixa. A ponte estaiada, Rainha Santa Isabel, fica para trás. O taxista pega a Av. Lousã, tomada por construções de prédios ainda em andamento. A mesma avenida se transforma em Av. Emídio Navarro, na altura do *Parque Verde do Mondego*. Ali, onde os calouros foram batizados no dia do cortejo da Latada, deixo as horas mais bem aproveitadas do período em que fiquei em Coimbra.

No Largo da Portagem, um dos acessos principais à cidade e onde, antigamente, se cobravam impostos sobre as mercadorias que ali chegavam, avista-se a estátua de Joaquim António de Aguiar. Mais conhecido como *Mata Frades*, por ter assinado o decreto que extinguiu as ordens religiosas em Portugal, Joaquim dá as boas-vindas àqueles que chegam a Coimbra. Me despeço da cidade, com um último olhar para o imponente *Hotel Astória*.

Um pouco mais à frente, o táxi estaciona. Estou de volta à estação *Coimbra-B* (Estação Velha), mas agora o caminho será o inverso: com destino à estação Oriente, em Lisboa, e de lá para o Brasil.

O *comboio* (trem) leva cerca de 1 hora e 40 minutos para chegar a Lisboa. Enquanto o tempo é gasto pelo maquinista a correr os trilhos, vou deixando o sabor dos pastéis de Tentúgal, as igrejas medievais, a Uç e a tranquilidade do Mondego. A vontade de retornar a Coimbra vai, aos poucos, tornando-se maior que a ansiedade da partida.

### **3. Considerações finais**

A produção do livro-reportagem *Coimbra, um roteiro à brasileira* possibilitou pesquisas sobre teorias do Jornalismo, especificamente no que se refere ao Jornalismo Literário e às técnicas de reportagem pertinentes a essa área; permitindo uma ampliação e reflexão dos conceitos vistos durante o período de graduação.

Além disso, pode-se inferir que a aluna-repórter efetivou tais técnicas não apenas na execução do presente relatório, mas também durante o período de intercâmbio no qual colheu todos os materiais necessários como observadora-participante e repórter e durante a escrita do livro-reportagem apresentado anteriormente.

Sendo assim, o produto livro-reportagem foi instrumento de reflexão e aprendizagem pelo qual a aluna consolidou seus conhecimentos e práticas jornalísticas.



## Referências Bibliográficas

### Livros:

BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. São Paulo: Contexto, 2006.

HERSEY, John. *Hiroshima – a mais importante reportagem do século XX: um retrato de seis sobreviventes da bomba atômica, um ano depois da explosão e quarenta anos mais tarde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 1989.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEÃO, Danuza. *Fazendo as malas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2009.

\_\_\_\_\_. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998. Coleção Primeiros Passos; 268.

MORAIS, Fernando. *Cem quilos de ouro e outras histórias de um repórter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 4.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Summus, 1986.

GUIA VISUAL PUBLIFOLHA. Portugal – Madeira e Açores (COMO COLOCAR ESSA REFERÊNCIA?).

### Folhetos turísticos:

**Batalha**. Região de turismo Leiria-Fátima.

**Conimbriga**. Museu Monográfico e Ruínas de Conimbriga. Instituto Português de Museus.

**Óbidos Patrimonium**. Município de Óbidos.

**7 séculos de jardim**. Fundação Inês de Castro.

**Tomar – cidade templária**. Mapa da cidade. Serviços Municipais de Turismo.

### **Artigos online:**

CUNHA, Isabel Ferin. *As telenovelas brasileiras em Portugal*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-telenovelas-brasileiras.pdf>. Acesso em: 03 set. 2010.

\_\_\_\_\_. *A mulher brasileira na televisão portuguesa*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-a-mulher-brasileira-na-televisao-portuguesa.pdf>. Acesso em: 03 set. 2010.

FRIAS, Aníbal. Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Vol. 66, outubro/2003, p. 81-116. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/66/RCCS66-081-116-Anibal%20Frias.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2010.

MORAIS, Gabriela Weber. *Livro-reportagem: amalhando experiências para contar uma história*. Disponível em: [www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1455.html](http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1455.html). Acesso em: 02 ago. 2010.

### **Trabalhos de conclusão de curso:**

BARBOSA, Aline Stivaletti. *Explore: um lugar em todos os sentidos*. Bauru: [s.n], 2006.

COSTA, Layla Cristina Tavares. *Os caminhos de Romaria: histórias de peregrinação pelas estradas do triângulo mineiro*. Bauru: [s.n], 2009.

ROMANO, Douglas Henrique Barros. *Suplemento Aposto: a inserção do jornalismo literário no jornalismo impresso diário*. Bauru: [s.n], 2006.

### **Dissertação:**

PALERMO, Maria Pia Sica. *Viver na pele do outro: o uso da observação participante na realização da reportagem*. 2001. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

### **Sites:**

<http://www.portugal.gov.pt>

<http://www.ine.pt> ( Instituto Nacional de Estatística de Portugal)

<http://www.ippar.pt> (Instituto de Pesquisas Arqueológicas)

<http://www.turismodeportugal.pt>  
<http://www.descubraportugal.com.pt>  
<http://www.visitportugal.com>  
<http://www.diariocoimbra.pt>  
<http://embaixada-portugal-brasil.blogspot.com>  
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>  
<http://www.turismodocentro.pt>  
<http://www.turismodecoimbra.pt>  
<http://www.cm-coimbra.pt>  
<http://www.gov-civil-coimbra.pt>  
<http://www.uc.pt>  
<http://www.academica.pt>  
<http://www.cm-montemorvelho.pt/>  
<http://www.turismo.guarda.pt>  
<http://www.ofigueirense.com>  
<http://www.cgalgarve.com>  
<http://www.confrariadoarrozedomar.com>  
<http://www.asbeiras.pt>  
<http://www.cm-montemorvelho.pt>  
<http://www.independentedecantanhede.com/jornal>  
<http://www.gastronomias.com/confrarias>  
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>  
<http://www.bocc.ubi.pt>  
<http://www.brazilianfruit.org.br>  
<http://www.revista.agulha.nom.br/camoes73.html>  
<http://www.confrariadoarrozedomar.com>  
<http://tipografos.net/escrita/carolina.html>

## **Anexos**

### **ANEXO 1 - Depoimentos de intercambistas brasileiros em Coimbra**

#### **Depoimento 1**

**Patrícia Gonçalves Barbalho** – intercambista da UFOP (MG), estudante de biologia na Faculdade de Ciências da Uc – ago/2010

Falar sobre Coimbra é sempre uma alegria e tenho boas recordações do tempo que morei em Portugal. Sempre que vejo as fotos lembro com muita saudade das amizades que fiz e dos lugares que visitei.

Coimbra é uma cidade encantadora por sua arquitetura, sua história e tradição. Durante os sete meses em Coimbra, morei na residência Pedro Nunes que pertence a Universidade de Coimbra. Tive a oportunidade de conhecer e fazer amizade com pessoas de diferentes nacionalidades. Infelizmente, não consegui fazer muitas amizades fora da residência. Tive muita dificuldade de me aproximar dos meus colegas da Universidade. Teve momentos em que senti preconceito por ser mulher brasileira tanto dentro como fora da Universidade. Não foi nada fácil. No início fiquei com uma certa insegurança em relação às cadeiras que estava matriculada. Fiquei com receio de não conseguir entrar no ritmo de aula deles, de não conseguir passar nos exames... mas com o dia a dia fui percebendo que as aulas eram bem parecidas com o que eu estava acostumada no Brasil. A única surpresa mesmo foram as provas. A avaliação da maioria das disciplinas era uma única prova no final do semestre abordando todo o conteúdo.

De segunda a sexta-feira pegava o autocarro 24T (se não me engano) e lembro que eu adorava ouvir os nomes das paradas (o sotaque português) até chegar na Universidade: Dolce Vita, João de Deus Ramos, Arcos dos Jardins, Praça da República.

Um dos passeios que mais gostava de fazer nos finais de semana era andar à beira do rio Mondego, observando a paisagem, as pessoas se exercitando, conversando com os amigos, as crianças brincando.

Participei de uma das mais tradicionais festas estudantis da Europa, a Queima das Fitas. A Queima das Fitas é uma festa para os estudantes que estão formando. A Queima dura uma semana e começa com uma Serenata (Fado) nas escadas da Sé Velha, no centro histórico de Coimbra. Durante a semana ocorre o desfile dos carros enfeitados (equivalente ao nosso carro alegórico dos desfiles de carnaval) de cada curso da

Universidade pelas ruas de Coimbra. A festa termina com a queima das fitas que os estudantes do último ano usam na pasta, e que representam/simbolizam o curso. Cada curso é identificado por uma cor. A única cor que me lembro é o azul claro da Biologia.

Esperava fazer mais amizades com os portugueses, mas infelizmente senti que eles são mais fechados, e não são tão receptivos e acolhedores como nós, brasileiros.

Descrever Coimbra em poucas palavras é uma tarefa difícil. Só quem viveu sabe o que essa experiência significou. Sou muito grata por ter tido essa oportunidade que marcou para sempre a minha vida. Termino esse pequeno depoimento com um trecho do fado de Coimbra: “Coimbra é uma lição (...)/Só passa quem souber/e aprende a dizer saudade”.

## **Depoimento 2**

**Carlos Cauás** – estudante de economia da UFPE (PE), acompanhante da esposa, Rany Matos, intercambista de Sociologia na Uc – ago/2010

Foi em meados de final de junho, o ano era 2008, e recebi a notícia da minha esposa: “Cacá, não te falei antes porque sei como você ficaria. Fiz um concurso para intercâmbio em Portugal, para ganhar uma bolsa de estudo de seis meses e passei em terceiro lugar. As aulas começam em setembro”. Minha reação, não foi outra se não tristeza. Logo ela, minha adorada esposa. Estávamos com quase dois anos de casados, sou uma pessoa que se apega muito e além de tudo, me acho sozinho. Ficar seis meses longe dela não seria possível aguentar. Chorei. E não foi pouco, na verdade até uma visão terrível, um cara com 28 anos chorando feito um bebê, com o sentimento de perda batendo forte na cabeça e sem escolha. Não seria justo ela abandonar seus planos de vida por minha causa. Acredito que as pessoas devam viver independente das outras. Escolhemos casar e compartilhar as emoções da vida juntos, porém, certas coisas são complicadas de serem vividas por dois.

Após a notícia e eu me acalmar, acho que a ideia veio dela, não lembro, de eu também ir. Pensei, caramba, e meus pais? Deixá-los? Seis meses? De novo veio na cabeça como conseguiria sobreviver.

O tempo passou e meus pais mesmo não concordando aceitaram o fato de eu embarcar nessa ‘jornada’. Como apenas o dinheiro da bolsa de Rany não seria o



suficiente, meu pai ficou de enviar todo mês meu salário. O dia da viagem chegou e com ele a saudade do lar já em mente. Muito choro e não da minha parte. Já estava bem tranquilo, porém, meus pais não. No aeroporto, já foi um sacrifício para o meu pai ir para a praça de alimentação, que fica a uns dois andares de altura com uma visão dos pisos inferiores bem ampla. Meu pai tem problema de altura, não se sente bem. Ele superou isso, ficou com meus tios e primos enquanto a hora não chegava do embarque. E confesso, de todos que estavam ali, foi justamente ele quem me surpreendeu quando chorou feito uma criança. E lá fomos nós. Quase oito horas de voo. Tinha andando de avião quando tinha uns cinco anos, não lembrava como me sentiria mais, o voo foi tranquilo. Rany dormiu da decolagem a chegada, já eu passei a viagem toda acordado, ora vendo filme, ora lendo (nunca deixo de ter um livro ao meu lado – é nas piores horas que você mais precisa de um).

Lisboa, 9 de setembro de 2008. Já tínhamos o roteiro de como ir para Coimbra e lá tínhamos reservas de dois dias em um albergue. Por fim, chegamos em Coimbra. A primeira coisa que me veio na cabeça foi a cidade de Olinda e suas ladeiras. Ficamos na parte ‘velha’ de Coimbra, o que me deixou maravilhado, pois, a calma era perceptível em qualquer dia da semana, porém, nos finais de semana era possível escutar o som que o silêncio faz. Acostumado com a agitação da cidade de Recife, a um tormento de buzinas, encontra isso em Coimbra foi absolutamente fantástico.

Passado dois dias, tínhamos conseguido alugar um quarto em um ótimo prédio e tirando o fato de no mesmo apartamento morar a proprietária, com a mãe e o filho, além de mais um inquilino, eu e Rany encontramos naquele quarto nosso lugar de tranquilidade. A primeira semana foi de euforia por estar em um novo mundo, o velho continente nem era tão velho assim, era absolutamente novo aos nossos olhares. Só de estar em uma cidade, tranquila, segura, que a poucos passos de onde morávamos tinha um lugar incrível para relaxar e olhar a paisagem como era o Jardim Botânico de Coimbra, era de uma experiência gratificante. Todo aquele verde ao seu redor, sentar em um banco e ler em paz ao som dos pássaros ou apenas ficar ali sentado e observar continha um gosto que eu nunca tinha experimentado.

Os dias eram quase sempre os mesmos. Eu, não tinha do que reclamar. Estava em paz. Rany no máximo passava umas 3 horas na faculdade. Geralmente as aulas dela eram na parte da manhã, por volta das 7 da manhã. Ela ia, eu ficava dormindo. Muitas vezes ela voltava e eu continuava dormindo e passávamos o dia todo um colado ao

outro. Com seis anos juntos, nunca fomos tão unidos quanto o período em que passamos em Coimbra. Quando ela tinha aulas a tarde, eu ia por lá para almoçarmos juntos e acabava ficando na biblioteca. E acabei ficando viciado em outra biblioteca. A biblioteca municipal de Coimbra era meu território diário. Além de pegar livros, era possível pegar filmes. Juntando, Rany, a biblioteca Municipal de Coimbra e a paz encontrada na cidade, esses fatores foram que me mantiveram firme nos quatro meses em que passei lá.

Quando você vai para um lugar em que a língua falada é a mesma que a sua, é possível pensar que não será motivo de preocupação. Certo, não é, mas não é tão fácil assim. As primeiras semanas foram de adaptação com relação a isso. A rapidez da fala e algumas palavras são de difícil compreensão. Além disso, tínhamos que ter cuidado com o que falar, já que algumas palavras no Brasil soariam ofensivas para os portugueses.

## **ANEXO 2 - Entrevistas**

### **Entrevista 1**

**Sara Oliveira** – estudante da Faculdade de Letras da Uc – set/2009

#### **1. Conte um pouco sobre sua infância e adolescência.**

Ora bem, nasci na freguesia de Santa Justa, em Lisboa, a 28 de Fevereiro de 1991 (tenho 18 anos portanto) e desde 1992 que vivo em São Miguel. Esta mudança deu-se porquê? Porque o meu pai era oficial da Marinha (neste momento está na reserva, ou seja, só é chamado em caso de guerra) e tinha comissões de 3 anos em sítios diferentes. Em 1992 calhou-lhe vir trabalhar para São Miguel e a minha mãe decidiu vir com ele, trazendo-me e ao meu irmão (que tinha 3 anos na altura). A acompanhar a minha mãe, veio a minha avó materna. Somos todos lisboetas menos o meu pai, que é de Miranda do Corvo (nos arredores de Coimbra). Então viemos para cá morar e, desde então, só voltamos ao continente de férias. Lembro-me que fomos à Expo 2008, no Parque das Nações e a Vila Nova de Milfontes. Depois voltamos lá quando o meu irmão foi estudar para o Porto.

De resto, vivi sempre cá, mas lembro-me que quando era pequena passei uns meses no Faial (outra ilha dos Açores) porque o meu pai teve lá uma comissão.

Tenho poucos anos, mas hoje me apercebo que nós, quando crescemos, vamos estabelecendo limites. Por exemplo, no meu caso, eu queria chegar aos 9 anos para fazer a 1ª Comunhão para poder tomar a hóstia na missa (apesar de raramente ir à missa e de só ter feito a 1ª Comunhão para satisfazer a minha mãe); depois queria chegar aos 12 anos para poder andar no banco da frente; depois queria chegar aos 15 anos para poder sair à noite até um bocadinho mais tarde e finalmente aos 18 anos para tirar a carta. Devo dizer que não são metas que hoje me deixem orgulhosa por as ter alcançado, até porque não exigiram muito esforço, apenas paciência, mas é giro como nós nunca estamos satisfeitos e procuramos sempre outra meta para alcançarmos e sairmos realizados. E quando finalmente pensamos “iei já posso fazer o que quero”, vem-nos logo outro pensamento “quero fazer aquilo”, mas ainda não podemos e trabalhamos novamente para esse objetivo. Neste momento o meu objetivo é acabar o curso, esperando que desta vez acerte no curso.

A minha família era portanto constituída pela minha avó materna, a minha mãe, o meu pai e o meu irmão. Sempre nos demos bem, sem dramas, tudo coisas da idade. Eu e o meu irmão zaragateávamos sempre que podíamos, ora porque era a vez do outro fazer o sumo, ora porque estava no computador há mais de uma hora e agora também queria ir, ora porque simplesmente a presença do outro incomodava. Mas, desde que ele foi para o Porto, que somos mais unidos e contamos muito mais um ao outro. A minha avó era a típica avó que fazia muitas perguntas e estava sempre preocupada com o nosso lanche e fazia café com leite e pão com manteiga para comermos. Infelizmente, morreu há três anos com 92 anos. Todos os dias penso nela e peço-lhe que me desculpe os comportamentos estúpidos que eu tinha porque era nova e não tinha noção que um dia ela podia desaparecer.

Tal como todas as crianças, fui para uma pré-primária e depois para a primária. Nessa altura, a minha mãe pediu a uma pessoa que me avaliasse porque, por ter nascido em Fevereiro, poderia estar preparada para passar para o 2º ano e acompanhar aqueles que tinham nascido no ano anterior ao meu. E assim foi. Em Novembro passei do 1º ano para o 2º. As amigas que tinha do 1º desapareceram e ficaram as do 2º, até hoje. Já lá vão 11 anos e continuamos unidas, apesar de uma ou outra já terem seguido um rumo diferente. No 5º ano o grupo cresceu e depois só no 10º isso voltou a acontecer, mas essa nossa amiga morreu no ano passado e ficamos reduzidas outra vez. Apesar da distância, por causa das universidades, mantemo-nos sempre em contacto e vemo-nos sempre que possível.

No 6º ano fui expulsa de uma aula pela primeira e única vez. Poderia ter sido uma história fenomenal, mas não foi. Fui para a rua mais um rapaz porque estávamos a mandar recados por papel de um lado para o outro da sala, porque ele estava a dizer que eu não lhe tinha falado na festa de anos de uma amiga nossa. A professora apanhou o bilhete e eu e ele entregámo-nos e ela expulsou-nos. Nunca fui de rebeldias e acho que esse foi o meu auge.

Sempre fui uma das meninas queridas dos professores, menos dos professores das disciplinas de artes (Educação Visual e Tecnológica), porque sempre fui um pouco despassarada (distráida) e nunca tive jeito para trabalhos manuais. Eu era muito risonha na altura, ria-me por tudo e por nada. Hoje acho isso estúpido, mas penso que era próprio da idade.

Aos 13 anos arranjei um quase namoro, mas eu era “a outra” e era tudo em segredo. Durou meses, mas eram só abraços e beijos na cara. Um dia, ele atraiu-me e eu saí às 3h da manhã de casa para ir ter com ele e só voltei às 6h. Aí sim, houve um beijinho, mas depois disso, ele já não quis mais nada. Foi a minha primeira desilusão amorosa.

Aos 15 anos arranjei um namorado que durou até há pouco tempo. Ele é das melhores pessoas que conheço e não o considero tempo perdido.

Desde que alcancei a idade de sair à noite, tenho descoberto um pouco de todas as festas e todas as ilhas. Cá em São Miguel fazemos uma festa anual chamada as Festas de Nosso Senhor Santo Cristo dos Milagres. Como podes ver pelo nome, é uma festa religiosa, mas tem muito mais que religião, tem barraquinhas com aquelas rifas que nós desenrolamos e, ou nos sai um prêmio foleiro, ou não nos sai nada. Têm barraquinhas com comes e bebes que o povo adora e com um bom grupo, todos se divertem. Descobri um pouco de outras 5 ilhas, Santa Maria, Faial, Terceira, Pico e São Jorge e das suas festas também. É basicamente a mesma coisa, apenas mudam os cabeças de cartaz.

De resto a minha vida é um pouco desinteressante.

## **2. Conte alguma experiência que você considera muito marcante em sua vida.**

Bem, assim pensando não consigo achar nenhuma experiência que seja muito interessante de ouvir. Sempre tive uma vida muito simples e normal, por isso vou demorar a encontrar esta experiência, mas posso-te dar exemplos de algumas.

Por exemplo, não é interessante, mas sabes como é que cresceu o meu gosto por escrever? Foi quando eu era pequena. Eu nasci em Lisboa, mas vim para São Miguel com 1 ano. Com 5 anos talvez fui para outra ilha chamada Faial (por causa das comissões do serviço do meu pai) e não sei muito bem quanto tempo lá passei, mas lembro-me perfeitamente dos meus dias. Então, quando eu não brincava no bairro com os meus amigos, subia uma rua muito inclinada (como as ruas de Coimbra) e ia ter ao serviço do meu pai. Como o meu pai tinha muito que fazer, deixava-me com uns oficiais que lá trabalhavam que eram o Mendonça e o Silva. O Mendonça era alto e magro e o Silva mais baixo e gordo, com barba branca e farfalhuda. Uma espécie de bucha e estica. E então eles tinham lá uma máquina de escrever. Ora, com aquela idade eu não sabia escrever, mas gostava da sensação das teclas e da importância de estar ali no meio de oficiais e a escrever. Ainda hoje penso em como estarão aqueles dois homens e se eles ainda se lembrarão de mim.

As únicas experiências muito marcantes para mim são um pouco mórbidas e deprimentes, porque envolvem a Santa Unção (não sei se és católica e nem sei bem se é assim que se escreve, mas consiste em benzer a pessoa que se prevê que esteja perto de morrer), a minha avó materna que morou comigo toda a vida e a minha mãe deprimida após a morte da minha avó. Porque é que foi marcante? Primeiro porque eu já tinha idade para compreender, tinha 15 anos, mas era uma idade que envolvia 15 anos ao lado da minha avó que tinha morrido. Às vezes é melhor não compreender. Depois porque é traumatizante despedirmo-nos e rezarmos por uma pessoa à frente dela e quando ela ainda está viva. E depois porque nesse mesmo ano o meu irmão foi estudar para o Porto, o meu pai estava sempre ocupado no serviço e quem apoiou a minha mãe fui eu. Bem, pode-se dizer que formou a pessoa que sou hoje. Fez-me crescer e fingir ser mais forte do que aquilo que na realidade eu aguentava. Hoje já consigo ser esse mais forte sem ter que fingir. Vou uma vez por ano à igreja, no dia da sua morte, ignoro o padre, não rezo, não me benzo, não canto, não comungo, apenas vou lá e penso na saudade e no quanto gostava da minha avó.

Mas nem tudo é triste, uma grande experiência é a de morar sozinha pela primeira vez. Sem ninguém que nos encha a dispensa, sem ninguém que nos ajude a organizar a casa, sem ninguém que nos ajude a resolver um problema que tenha a ver com a casa e por aí fora. Eu, por exemplo, fiquei sem eletricidade (por falta de pagamento, porque vim de férias e só depois é que a factura chegou lá a casa) e sem TV à cabo. É muito frustrante ter que lidar com as aranhas que vêm do telhado, da umidade que aparece no inverno, no calor que fica no verão. É mais uma experiência que a única vantagem que tem é que nos faz crescer, tomar responsabilidades e ter noção que quando dizemos aos nossos pais “deixa isso, depois fazes” ou nos rimos quando os nossos pais estão zangados porque nunca mais desaparecem os bichos no quintal, não é tão agradável quanto isso.

Eu acho que nenhuma destas experiências é interessante, mas é o que tenho. Posso contar-te que das nove ilhas já fui a seis. Faltam-me a Graciosa, Flores e Corvo. A minha turma do 7º ano queria viajar todos os anos e assim fizemos: no 7º fomos ao Pico, no 8º fomos a Santa Maria e no 9º fomos à Terceira. Depois no 10º e 11º organizamos um grupo de finalistas para no 12º fazer uma viagem a Espanha. Eu fui a presidente desse grupo de finalistas e foi uma experiência muito trabalhosa, mas muito agradável também. Nós cá, em São Miguel, temos uma festa religiosa chamada as

Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, onde há claro a parte religiosa, com procissão e a paga das promessas, e a parte da festa, em que as pessoas alugam barracas de madeira para vender ou produtos de artesanato ou então comer e beber. É uma tradição que todas as escolas secundárias também tenham uma barraca que é dirigida apenas pelos alunos do grupo de finalistas de cada escola (sem nenhuma supervisão de adultos). Então, para cumprir a tradição, nós também arranhamos uma dessas barraquinhas onde vendemos apenas bebidas. Digo-te, foi muito giro, mas muito trabalhoso. Como era eu a responsável e era eu que tinha as chaves, era eu a primeira a chegar e a última a sair. Chegava pelas 15h e saía pelas 3h ou 4h da madrugada. Tivemos prejuízo de 100€ porque oferecemos muita coisa e alguns deles nem olhavam para o preço quando vendiam as bebidas. Além disso, tínhamos concorrência mesmo ao nosso lado que pertencia a outro grupo de finalistas da mesma escola que o meu. Mas também foi aí que me cresceu o gosto pelo gerir dinheiro. Apesar de ser uma grande responsabilidade, se nós não pensarmos nas aldrabices que podíamos fazer, podemos nos tornar bastante eficazes na utilidade que damos ao dinheiro.

Outra grande experiência espero que seja a deste ano, n'A CABRA.

### **3. Fale um pouco sobre São Miguel.**

Bem, conheces aquelas fotografias que aparecem nos postais que são tão verdes que somos capazes de jurar que são tratadas no *Photoshop* que na realidade são um monte de folhas mortas, a cair das árvores já velhas? Pronto, essa é a área rural da minha ilha. Não é um monte de folhas castanhas, mas sim grandes caminhos cheios de curvas e montes cheios de hortênsias (ou novelões, como cá os chamam) e as suas folhas verdes, um verde escuro, mas muito vivo. Mas como sabes, apesar de viver na ilha delas, não tenho vacas nem nada que se assemelhe. Por acaso até há uma quinta atrás do meu quintal, mas eu não sou nada rural, toda eu sou cidadina. Mas adoro fugir da cidade de vez em quando. A cidade (Ponta Delgada) é muito semelhante a Coimbra, mas é plana (Coimbra é muito inclinada). Temos tudo o que precisamos, não difere nada. Temos uns transportes públicos chamados as “bertinhas” (porque foi a nossa presidente da Câmara, Berta Cabral, que implantou essa ideia cá) que são uns mini-autocarros que fazem o transporte de pessoas por apenas 0,25€ e passam nos centros e escolas principais. Claro que só funcionam dentro da cidade, porque para fora da cidade há os autocarros normais, como se fosses de Coimbra para outra cidade. Temos mesmo tudo,

temos o mar ao pé (nem sabes o que eu sufoquei em Coimbra quando havia aquele sol quente e eu não podia ir à praia), adoro as praias, as piscinas naturais. No verão viajamos entre ilhas de barco porque o governo criou uma empresa que todos os anos arranja 2 barcos que fazem o transporte por apenas 1€ (para jovens entre 15 e 30 anos e tem que se pagar 48€). Temos uma universidade que até tem sido reconhecida, mas ainda tem muito para evoluir. A RTP (a televisão pública) tem um canal chamado RTP Açores, de fraca qualidade, que agora tem uns anúncios a pedir aos açorianos para acolherem bem os turistas porque eles contribuem muito para o nosso crescimento econômico. De maneira geral, os açorianos são simpáticos, mas os mais velhos são pouco acolhedores, talvez por não terem acompanhado o evoluir da ilha, ou por se encontrarem nos arredores rurais da cidade. Mas em todas as épocas do ano encontramos cá estrangeiros, todos frescos de calções, meias e sandálias, bonés e óculos de sol. É uma cidade que ainda precisa crescer, mas que proporciona muita qualidade de vida aos seus habitantes. Fica à beira-mar, portanto a menos que te enfies nas ruas mais estreitas, escondidas na baixa da cidade, apanhas sempre o fresco e o cheiro a mar.

#### **4. Fale um pouco sobre a sua escolha em cursar a Universidade de Coimbra.**

A Universidade de Coimbra não foi uma opção pensada. Não cresci a pensar “quando for para a universidade, vou para a UC”. A única coisa que certa era que eu ia para uma universidade fora dos Açores, porque a distância e a grandeza das cidades do continente iam-me trazer novas experiências que me iam fazer crescer e impedir de me tornar uma pessoa tacanha e pacata. Quando me vi obrigada a escolher um curso (ou seja, no 12º ano) vi os cursos de A a Z umas três vezes no mínimo e nada me fascinava. Como tinha que escolher, pensei “gosto de escrever e as pessoas até dizem que tenho jeito”, mas ninguém me apoiou na minha escolha. A minha professora de matemática não compreendia que uma pessoa tão empenhada em matemática como eu era, deixasse a matemática por ali, o mesmo se passava com o meu explicador de matemática. A minha professora de português nunca me incentivou e ainda ficava contente quando eu não tirava mais do que 15. Ela dizia “tu não és rapariga para isto, já sabia que não ias conseguir tirar mais”. O meu pai não percebia porque é que eu não ia para gestão e a minha mãe apoiou-me, mas também me aconselhou a pensar. De qualquer maneira, ficou decidido que era esse o curso. Quando foi para escolher o sítio, jornalismo só existia em dois estabelecimentos: UC e Escola Superior de Comunicação Social de



Lisboa. A minha mãe é de Lisboa e nunca tinha ouvido falar nessa escola superior e começou a dizer-me que se eu apresentasse num currículo Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as pessoas iriam ficar muito mais convencidas do que se apresentasse a outra escola. Então quando me fui candidatar, preenchi apenas 3 opções nas 6 que dispunha, eram elas: 1ª FLUC, 2ª FL Universidade do Porto (Ciências da Comunicação) e 3ª Universidade dos Açores (porque tinha a certeza que tinha média para entrar e se não entrasse na 1ª nem na 2ª, preferia ficar na minha ilha). Depois deste ano, concluí que apesar de ficar melhor no currículo, a FLUC não merece a reputação que tem porque é muito desleixada com os alunos e parece que não tem o mínimo de critérios a escolher os professores porque não há o mínimo de rigor nas aulas.

### **5. Conte suas “aventuras” durante esse pouco tempo de universidade.**

Claro que ao falar em experiências na universidade não podemos deixar de falar em praxe. Devo admitir que o curso de Jornalismo não é muito exigente na praxe, ao contrário de outros cursos, como o de medicina, em que os caloiros andam constantemente de joelhos. A minha praxe baseou-se em cantorias, despiques (em que havia uma “luta” verbal entre dois cursos e ganhava o que tivesse mais voz) que nós ganhávamos a maior parte das vezes, jogos como aquele em que a gente canta “um dois três macaquinho chinês”, também jogamos ao lenço “o lencinho vai na mão, ainda não caiu no chão”, andamos a correr atrás de estrangeiros a chamar “PAAAAAAAI”, foi giro. O problema é que durava muitas horas por dia e eu levantava-me cedo (porque na altura morava em Miranda do Corvo e tinha que me levantar às 7h todos os dias) e depois tinha que apanhar o comboio para casa outra vez. Fora a dor de pés, não tenho queixas a apresentar.

O que acho que nunca mais me vou esquecer está relacionada com uma rapariga do meu curso e do meu ano, chamada Inês. Eu conheci-a no dia das matrículas e fomos praxadas juntas nesse dia. Então as “doutoras” mandaram-nos para uma tenda onde estavam pessoas da TVAAC a gravar uns episódios de “Mãe, estou na UC!”, onde os caloiros iam para lá ser praxados ou mandar mensagens para os pais. Então, eu, a Inês e mais uma caloira fomos para lá para sermos praxadas e as “doutoras” mandaram-nos cantar a “pulga” que era assim “a pulga salta com dinamismo, o melhor curso é de jornalismo!” e tínhamos que pular enquanto cantávamos. Já estive à procura desse vídeo no *you tube*, mas não encontro. No fim de cantarmos essa música, elas perguntaram-nos

se queríamos dizer mais alguma coisa, ao que eu e a outra dissemos que não, mas a Inês decidiu pegar no microfone e dizer “ai o meu namorado é tãããããão bom! Ele tem a barriga como uma tablete de chocolate, sabem? Assim aos quadrinhos!”. Bem, escusado será dizer que eu fiquei com a chamada cara de tola, em que eu só pensava “porque é que essa gaja não se cala”. É de acrescentar que essa rapariga no final da semana já era conhecida como a “caloira excitada” porque para além de estar sempre pronta para participar nas praxes, acabou por dar voluntariamente (as “doutoras” não lhe pediram sequer) um beijo na língua de uma rapariga que se encontrava ao lado dela. Além do mais, tenho que salientar que das primeiras perguntas que a rapariga fez às “doutoras” no dia das matrículas foi se era proibido namorar com um “doutor”, ao que elas responderam que não. Foi dito e feito, cerca de dois meses depois, ela já tinha trocado o namorado todo bom pelo “doutor” do 2º ano de jornalismo. Acabou por ter piada.

A maneira como conheci a minha madrinha não é nenhum acontecimento fenomenal, mas vou-te contar. Então, estávamos quase a chegar à Latada e eu não tinha madrinha e tinha sido rejeitada por uma a quem tinha pedido. Mas não foi bem uma rejeição porque ela diz que não me ouviu. Foi assim: estávamos numa praxe na Praça da República, quando eu me virei para uma rapariga chamada Sara Oliveira (tal como eu), de São Miguel (tal como eu), em Jornalismo (tal como eu, só que no 2º ano), de cabelo escuro e olhos azuis (tal como eu, mas os meus são verdes), e pedi-lhe para ser minha madrinha de uma maneira muito original “a Sara Oliveira não quer ser madrinha da Sara Oliveira?” e ela estava a escrever no telemóvel ao mesmo tempo, não ouviu e não me respondeu. Claro que, depois daquilo, não me atrevi a perguntar-lhe a segunda vez e voltei para o meu lugar. Depois, muito mais tarde, já depois de arranjar madrinha, quando lhe contei, ela pediu-me imensa desculpa porque não tinha ouvido por estar concentrada no telemóvel. Então, como é que arranjei madrinha? Não sei se te lembras, mas no início de Outubro, houve um colóquio dos 200 anos de Imprensa. Nesse colóquio, estavam umas meninas de jornalismo a vender livros de jornalismo na entrada da sala. Eu e uma colega pusémo-nos a falar com uma delas e como a tinha achado simpática, perguntei-lhe se queria ser minha madrinha e ela disse que já tinha caloira, mas que tinha uma amiga que ainda não tinha e estava à procura, e então me apresentou à Sónia. A melhor madrinha que alguém pode ter. Tive muita sorte, porque tornámo-nos grandes amigas. Depois fui conhecendo as amigas dela e acabei por ser caloira da

melhor amiga dela, a Marta. E então, hoje em dia, elas as duas são as minhas madrinhas e as minhas melhores amigas em Coimbra.

Vou-te contar também o dia da última praxe. Foi dois dias antes do início da Latada e os “doutores” obrigaram-nos a ir para a FLUC de pijamas. Claro que eu fui, praxe é praxe e é só uma vez na vida. Então, nesse dia fomos para o Parque Verde do Mondego e estivemos lá a jogar e a rebolar na relva e ficamos todos sujos de terra. Mas o dia não acabou por ali. Nós tínhamos um “leilão” às 21h em frente à FLUC e tínhamos que ir com os mesmos pijamas com que tínhamos rebolado na terra. Nesse leilão, cada caloiro, ou um conjunto pequeno de caloiros, teria que mostrar aos “doutores” as suas habilidades para que o seu padrinho ou madrinha o comprasse e o dinheiro ia para o carro do cortejo da Queima das Fitas. O meu número valeu 1,80€ acho eu. Já não me lembro muito bem. O que eu fiz, juntamente com outra rapariga, foi um telejornal rural (cá de São Miguel) em que eu era a jornalista e falava com o sotaque muito acentuado e ela era uma cidadã descontente da ilha do Corvo. O meu telejornal foi assim: “Boa nôte! Este é o telejornal rural e essas sã as nutícias! O Ti Manél matou as suas vacas e por isse os anúncios tã mal e já nã há 2 vacas por cada habitante (tal como diz no anúncio do Terra Nostra, o queijo natural dos Açores que se vende no continente também). O tempo continua uma merda ao que continuam a fazê as 4 estações do ano no mème dia. Uma invasã de rabxins de Rabe de Pê à ilha do Curve fizerim a ilha ir ao fundo, vamos entã falá cuma habitante descontente” e depois passávamos para a entrevista em que eu lhe perguntava qual era o problema dela e depois acabávamos a cantar os dois amores do Marco Paulo. Não foi um grande número, mas fartei-me de rir.

A Latada foi muito boa, diverti-me muito. No dia do cortejo, fui vestida com uma saia da cor do curso, com uma camisola de manga comprida e com um colete feito de jornais A Cabra, que as minhas madrinhas fizeram. Fartei-me de trincar nabos e de limpá-los do aparelho, nada muito agradável. A minha madrinha apanhou uma bebedeira e então fomos a deambular desde lá de cima até ao rio, onde fui baptizada duas vezes, uma por cada uma. Não vi muito bem a serenata porque tinha muita gente e as pessoas não estavam a respeitar quem estava a cantar e, por isso, fui-me embora. Apreciei bastante a serenata da Queima das Fitas e o traçar da capa pelas minhas duas madrinhas e emocionei-me um bocadinho (sou um bocado cubo de gelo) com as palavras de cada uma delas em que elas dizem-nos umas breves dedicatórias.

Adorei a semana que passei em Lisboa de férias, na época de recurso de exames (já tinha feito todos e passado a todos), em que fui conhecer a minha terra, matar saudades das minhas amigas de sempre e aproveitar para ir ao concerto dos Oasis (não sei se gostas).

N'A Cabra, a minha melhor experiência foi quando, depois de ter sido convidada e ter aceitado ser a próxima editora de Ciência e Tecnologia, fazer um artigo sobre a ida do homem à Lua (na comemoração dos 40 anos) e a conspiração que surgiu com base nesse tema. Eu própria era um pouco céptica e isso tornou a pesquisa muito mais interessante, porque eu queria mesmo pressionar a ponto de haver alguma falha, mas não a ponto de escrever uma mentira com base nas minhas especulações. Então se quiseres ver, o artigo (e todo o jornal) está disponível neste site: <http://issuu.com/acabra/docs/acabra201>.

(neste momento não me lembro de nada em especial, mas se me lembrar ou quiseres perguntar alguma coisa, estás à vontade)

Também não me posso esquecer das minhas experiências “domésticas” em que, desde que fui para Coimbra, consegui ficar com problemas no telemóvel, no portátil (avariou da noite para o dia), na internet (cortaram-me porque ultrapassei o limite), na luz (porque vim para São Miguel antes de receber a factura e, por isso não paguei), na TV à cabo (aparentemente tinham acabado com o contrato, mas eles ainda não tinham cancelado o serviço e eu usei-o de graça), ultimamente tinha uma invasão de aranhas. Só faltou mesmo cortarem-me a água, mas ainda estamos só no primeiro ano.

## **6. Qual a sua opinião sobre as aulas na Uc? Sua expectativa foi correspondida até o momento?**

Bem, esta pergunta tem muito que se lhe diga. A minha mãe diz sempre “não devias falar assim do curso, porque as pessoas não gostam de saber que o curso delas não tem rigor”. Mas eu não tenho feitiço de ficar calada e digo a todos os que me quiserem ouvir que só não tira o curso de jornalismo naquela faculdade quem não quiser, ou quem não conseguir entrar, porque afinal de contas até é o curso com melhor média de entrada naquela faculdade. E começo a explicar o porquê da minha insatisfação: durante 6 semestres (que é o tempo que dura a licenciatura) e 10 semestres (licenciatura+mestrado) os professores são sempre os mesmos. E o mal dos professores universitários é que, talvez por se acharem superiores, parece que guardam uma

fotografia com o nome do aluno que não gostaram porque assim nunca se esquecerá de lhe dificultar a vida. Além disso, as pessoas não sabem tudo e sou da opinião que uma pessoa não é capaz de dar 6 cadeiras diferentes, porque se não são a continuação umas das outras, então é porque o tema muda, mas se o professor não muda, a cadeira passa a ser continuação da que passou. Outra razão é que os professores parece que foram escolhidos de olhos fechados. Não havia rigor nas aulas, havia um que nos chamava de merda sem problema, eles não incentivavam os alunos, não exigiam a presença deles, e por aí fora. Com o processo de Bolonha, era suposto que as cadeiras apresentassem duas opções aos alunos: ou a avaliação contínua (que excluía o exame, a menos que reprovasse nas provas durante o semestre) e a avaliação final. Mas a maioria deles, por motivos que desconheço, só dava a hipótese de fazer por final, ou seja, podes ficar em casa o semestre todo, estudar na véspera do exame e passar que por ele é igual. Mas nem todos são assim, no 1º semestre tive dois que aceitaram os alunos que quisessem fazer por contínua. No 2º semestre, ela disse que fazia, mas só para 25 alunos. O método de ensino é conservador, não há inovação, não há aulas práticas (no 1º ano). Eu percebo que na universidade tenha que haver mais trabalho da minha parte e, por isso, tenha que ir consultando as bibliografias das cadeiras, mas se não há motivação, também não há auto-aprendizagem.

Em relação ao curso, acho-o muito mal estruturado. Passamos 3 anos a falar de teorias da comunicação social, quem inventou, quem mudou, como comunicamos. E a política? E a economia? E a cultura geral que os jornalistas têm que ter? A resposta que nos dão é “para isso serve o mestrado”. Mas o que eles não percebem é que o mestrado é a especialização NUMA área e não uma aprendizagem geral de todas as áreas (porque supostamente isso aconteceria na licenciatura). Além disso, temos também que ter em conta que se a licenciatura custa, o mestrado também e, apesar de andarmos sempre em crise, agora ainda estamos mais em crise do que é costume. Por isso, nunca vou fazer mestrado, a menos que arranje trabalho e depois de o ter garantido me digam que tenho que o fazer. De resto, penso que as pós-graduações até servem bastante bem para o que o mundo do trabalho pede. Hoje em dia, toda a gente quer ser doutor ou TEM que ser doutor (licenciado), mas esquece-se que as universidades deixaram a sua reputação no passado e nem sempre ser da UC significa ter melhores qualificações do que aquele que vem do politécnico do Alentejo, ou da escola profissional da Lagoa.

## **7. Conte sua experiência como “caloira” nas festas acadêmicas (Latada, Queima das Fitas).**

Relativamente à Queima das Fitas, posso falar apenas do jantar de curso e da serenata. Os jantares de curso são um ótimo pretexto para conviver e divertir. Claro que não exigimos uma grande qualidade na comida, nem na bebida, mas o que importa é que todos se divirtam. A serenata é fenomenal. Apesar de estarmos todos muito apertados naquela rua inclinada da Sé Velha, foi muito bonito e capaz de emocionar qualquer um as tais palavras das madrinhas a desejarem-nos as maiores felicidades. Dá-nos vontade de arranjar uma caloira e tratá-la com o mesmo carinho com que fomos tratados.

## **8. O que você mais gosta de fazer em Coimbra? Como você definiria a cidade?**

Creio que, das poucas coisas que aproveitei de Coimbra, o que mais gostava de fazer era passear na baixa e olhar para o rio. Mas, por ser tão longe, fui lá poucas vezes. A baixa de lá faz-me lembrar a baixa de São Miguel. De resto, gostava muito de me sentar no cartola ou na esplanada da AAC (acho que não apanhaste a inauguração) a conversar com os meus amigos.

Em relação à cidade, acho-a acolhedora, mas pacata. Vive de estudantes e morre aos fins-de-semana ou nas férias. Os autocarros não passam com a frequência que deviam para sítios que fiquem nos arredores da cidade e os que passam dentro da cidade acabam cedo e aos fins-de-semana estão quase todos de folga.

## **9. Como você definiria os portugueses?**

Somos acolhedores, simples, com a mania da inferioridade em relação aos outros países, mas com algumas diferenças de classes. Prendemo-nos ainda muito em estereótipos e apesar de cobiçarmos os outros países, parece que temos medo de descobrir se o que cobiçamos é verdade. Acho que temos espírito de solidariedade e ainda somos muito católicos. Somos calorosos, mas não temos feitio de contacto. Ou seja, gostamos de festas e de socializar, mas não somos de andar a abraçar, como eu acho que vocês fazem muito. Somos desconfiados, porque as promessas não cumpridas nos criaram assim.

## **10. Você acha que existe uma identidade que diferencia os conimbricenses?**

Sinceramente, não. Alguns podem achar que eles são mais ou menos acolhedores, ou mais ou menos simpáticos do que noutras cidades do país. Mas eu acho que isso é tudo uma questão de sorte, apanhar as pessoas num dia bom, e de nós próprios sermos simpáticos para com as pessoas que nos rodeiam, sejam elas de Coimbra, do Porto ou do Algarve.

### **11. O que você mais gosta em seu país ?**

Bem, eu não conheço o país todo. Aliás, não conheço nem 1/3 do que temos para aproveitar. Mas do que conheço, só tenho a falar bem. Com certeza já ouviste falar no Cozido à Portuguesa. É ótimo! Aqui faz-se o Cozido das Furnas em que a panela é colocada debaixo de terra para que os alimentos sejam cozidos com o calor da Terra. Claro que demora muito mais tempo. Para quem o quer fazer para almoço, as pessoas têm que ir lá colocá-lo na terra por volta das 6h ou 7h da manhã. Adoro comer chicharros e sardinhas, não deixo nem espinhas, nem rabos, nem cabeças para trás. Antes era esquisita com as espinhas, mas agora descobri que elas também se trincam. E a feijoada? E o leitão? Bem, pode-se dizer que eu dou-me muito bem com a gastronomia portuguesa, só não a sei é cozinhar!

De paisagens gosto de tudo um pouco. Claro que olhar para uma área sem árvores, nem plantas que lhe dêem uma gracinha, não me encanta. Mas tudo o que é verde ou praia ou tenha mar agrada-me. Adoro praia! O sol, o som e o cheiro do mar, estar estendida na areia sem preocupações. As praias dos Açores (julgo que de todas as ilhas) são de areia preta porque são ilhas vulcânicas, mas as praias do continente são de areia branca. Eu gosto das duas, mas a maioria prefere a branca porque se pega menos à pele. Bem, não te sei dizer ao certo, mas por mim desde que seja praia e bem limpa, é bonita. As paisagens de São Miguel são muito mais bonitas que as do continente. As nossas lagoas são bonitas e estão muito bem arranjadas. Chegamos lá e sentimos que estamos a respirar ar puro. Não sei se já ouviste falar na Lagoa das Sete Cidades. Essa lagoa fica na minha ilha e tem a particularidade de ser metade verde, metade azul. É a sua cor natural, ninguém lhe acrescentou químicos nem nada que se pareça.

Gosto imenso de Lisboa. Em Fevereiro passei lá uma semana de férias, foi memorável. Fui a Belém (ao Mosteiro dos Jerônimos, ao Padrão dos Descobrimentos, à Torre de Belém), à famosa Feira da Ladra, fartei-me de andar pela baixa que é tão bonita, fui à Praça de Touros do Campo Pequeno.

Bem, isso da tourada é uma coisa que não me fascina. E sou totalmente contra aquele tipo de touradas em que ferem o touro (acho que nem todas o magoam). Posso dizer que sou uma típica portuguesa que liga muito ao futebol. É o nosso orgulho e a nossa tortura (volta Scolari!). Eu costumava jogar futebol, mas o futebol feminino em Portugal ainda é muito fraco e os que dispensam tempo a treinar um grupo de raparigas, nem sempre são aqueles que merecem o título de treinador. Infelizmente foi o que me aconteceu e, como me lesionei, aproveitei para sair daquele grupo liderado por dois (como vocês brasileiros dizem) otários. Ah! Mas gostava de aproveitar para realçar (não é uma parte importante para a tua história, mas eu tenho que esclarecer) que sou TOTALMENTE contra essa propaganda toda que se anda a fazer em volta do Cristiano Ronaldo. Para mim não passa de mais um fedelho que não tinha nada e enriqueceu de um dia para o outro e não tem quem o oriente. E para piorar a mãezinha dele é outra (novamente) otária que em vez de lhe meter juízo, ainda alimenta os meios de comunicação. É nestes momentos em que a Seleção se torna “a equipa de Cristiano Ronaldo” que o futebol me mete nojo.

**12. Existe alguma(ns) personalidade (s) que você admire? Qual (is)? Por qual motivo?**

Eu sou um pouco fascista, para ser sincera. Ou se não sou, admiro aqueles que o são. Mas devo confessar que não sei se admiraria se vivesse num regime fascista. Dito isto, englobo aqueles que sei um pouco, como o Hitler, o Mussolini, o Mao Tsé-Tung e o Salazar (o que responde à pergunta abaixo). Ora porquê esta admiração? Porque acho fenomenal como um só ser humano, por vezes com raízes tão pobres ou tão humildes, consegue mover milhares de pessoas a cumprirem e a lutarem pelas suas ideologias. É que falamos de qualidades que nem todos conseguem ter. Só um grande orador, com grandes capacidades discursivas, consegue suscitar no povo um conjunto de emoções que o leve a reagir conforme o orador quer. Hoje em dia vemos políticos que estão convencidos que estão a dizer uma grande coisa, mas já todos sabem que são promessas que não vão ser cumpridas. Além do mais, apesar de não ser a favor do racismo e da xenofobia, sou totalmente de acordo com a exaltação da pátria, coisa que só acontecia quando um tirano mandava no país. A líder do Partido Social-Democrata (PSD), Manuela Ferreira Leite, disse uma vez aos portugueses que o que faltava neste país



eram 6 meses de ditadura. Toda a gente a criticou, mas muitos sentem saudade do regime salazarista ou dos valores que eram por ele impostos.

### **13. Quais são seus escritores preferidos?**

Eu, para ser sincera, não dou muita importância aos autores. Sou um bocado enganada pelo título do livro, umas vezes porque não me apetece ler, mas parece-me atrativo, outras porque apetece-me ler algo e aquele livro parece ser interessante.

Gosto imenso dos livros do Harry Potter. A Joanne K.Rowling escreve muito bem. Apesar do volume do livro, não há partes enfadonhas. Há descrição, há ação, há diálogo e tudo tão bem escrito que parece que estamos lá a ver aquilo a acontecer e deixamo-nos envolver.

Outro livro que gostei foi o do Memorial do Convento do José Saramago. A maneira própria de escrever e o sarcasmo que ele aplica à história dá logo outra perspectiva de uma coisa que, na realidade, foi adaptada de uma parte da nossa história.

Gosto muito de Fernando Pessoa e dos heterónimos que conheço dele. Considero que ele era um gênio na sua extravagância. Enquanto que, um só autor se depara com várias dificuldades de inspiração, ele desdobra-se em múltiplos autores, cada um com uma característica individual do próprio Pessoa.

E devo mencionar que para além destes, também adoro banda desenhada, principalmente a Mafalda do Quino e o Astérix e Obélix. Sempre quis ser um pouco como a Mafalda tanto na sua ironia como no seu conhecimento do mundo. O Lucky Luke também não ficava atrás nos meus preferidos.

Quando era pequena lia mais, porque tinha horas de ir para a cama e, por isso, para adormecer lia. Quando deixei de ter horas de deitar, desleixei-me um pouco na leitura.

### **14. Qual a imagem que você tem dos brasileiros? Como você os definiria?**

Desde que fui para Coimbra que conheci mais brasileiros que na minha vida toda. Devo-te dizer que vocês são muito amistosos, gostam muito do contacto porque eu recebi muitos abraços (o que não é costume cá em Portugal, a menos que sejamos muito íntimos) e são muito sorridentes. Gostei muito de todos os que conheci, foram todos muito simpáticos, trataram-me muito bem, sabiam manter uma conversa, porque o interesse e a curiosidade das nossas terras era mútua. Eu nunca estereotipei os brasileiros. Houve uma altura, cá em Portugal, que as brasileiras eram as chamadas

“acompanhantes de luxo” e os brasileiros eram quase todos assaltantes. Mas nunca me deixei levar por esses comentários. É certo que realmente há muitas brasileiras que adotam essa vida cá em Portugal, mas a nacionalidade brasileira não é sinônimo de criminalidade. Eu acho-vos adoráveis. Claro que há criminosos, mas estou a falar e o primeiro-ministro do meu país está metido no já tão falado Caso Freeport. Portanto, a criminalidade não escolhe cores, raças ou nacionalidades.

Gosto de alguns cantores brasileiros: Gabriel, o pensador (tem uma ótima maneira de se expressar), Chico Buarque, Adriana Calcanhoto, acho admirável a energia da Ivete Sangalo (apesar de não ser uma grande fã das músicas dela) entre outros.

**15. Se você pudesse mudar algo em seu país, o que mudaria? Por qual motivo?**

Bem, começava por mudar o Governo e só deixava a ministra da saúde. Mudava o que já devia ter sido mudado há muito, que é o ensino superior público ser de graça em vez de ser 1000€ por ano. Mudava as ideias de obras públicas que envolvem o TGV. Um projeto que vai custar milhões de euros para ser usado por aqueles que têm dinheiro, quando estamos em tempo de crise. Que me importa a mim se a conferência de imprensa começa mais tarde porque o homem chegou atrasado porque não se construiu um TGV, se não tiver dinheiro para comer? Esses dinheiros mal gastos nem muito bem argumentados me convencem. Mudava a mentalidade de alguns portugueses, que estancou no tempo em que lavrar a terra e ter a filha casada em casa a fazer comida é que é felicidade. Mudava as oportunidades que o país dá aos portugueses que querem evoluir e fazer evoluir o país, em vez de os fazer evoluir noutros países. Mudava o preço das viagens de avião entre Portugal continental e Açores que não permite aos portugueses cá virem, nem os permite interessar-se por saber quantas ilhas tem o arquipélago. Mudava essa mania que agora todos têm que os doutores (licenciados) são mais do que os outros e todos querem ser tratados por doutor. Enfim, mudava muita coisa, mas eu até me orgulho muito do meu país (apesar de não parecer).

**16. O que você acha que é uma característica negativa dos portugueses? Explique?**

Sinceramente, eu sou um bocado virada para o fascismo, mas não penso que isso seja uma coisa negativa. Não falo em falta de tolerância nem nada disso, mas falo muito em nacionalismo. Não sei se alguma vez ouviste falar na chamada “lição de Salazar” que era uma espécie de lema da sua ditadura “Deus, Pátria e Família”. E a elevação da raça

ariana de Hitler é outro exemplo. Claro que tudo isto dentro de certos limites. Mas falo em orgulhar-se da pátria, orgulhar-se da nossa cultura. Eu gostava imenso de conhecer um pouco de todo o mundo e ver se o que contam de lá é verdade. Para os portugueses, todos os outros países são melhores, as pessoas são melhores, as mulheres são mais bonitas, os homens são mais musculados, os famosos são menos pimbas, as músicas são melhores, e por aí adiante. Acho isso uma falta de respeito pelo país. Devíamos ser nós a construir o país, em vez disso somos os primeiros a derrubá-lo. Admito que não gosto da música popular portuguesa, a chamada música pimba, mas não é porque os cantores estão sempre a morrer porque uma mulher é linda e eles estão apaixonados, é mesmo pela música em si. Tal como se traduzissem as mesmas músicas para inglês, eu também não ia gostar. Tal como não ouço Britney Spears, nem Christina Aguilera. Mas a música até nem é o maior dos meus problemas. Temos grandes bandas como os Blasted Mechanism e Xutos e Pontapés, o nosso Fado, muito bem representado no mundo pela cantora Mariza e por aí fora. As nossas tradições são muito interessantes e muito características do povo português que gosta das festas e sardinhas.

Muitos querem sair de Portugal, ninguém o quer mudar. Muitos dizem que não vão votar porque não querem que aquele fulano vá ganhar mais dinheiro, mas não percebem que é no votar em branco que está a revolta e não no não votar. Somos queixosos, mas ao mesmo tempo conformados. Crescemos a aprender que o governo não faz nada e que temos que nos queixar e, em vez de tentar chegar ao governo, queixamo-nos.

Temos a mania que somos inferior aos outros, nada bom para o ego português porque onde quer que vamos, somos inferiorizados e como já temos a mentalidade de que somos menos que eles, concordamos. Mas se eles vierem cá ter conosco a falar a língua deles, nós falamos com eles na língua deles e dizemos “oh yes, your country is way much better than ours”.

Mas acolhemos bem os turistas e os turistas gostam muito de nós (a tal concordância de língua estrangeira). Mas atenção, eu aceito que os turistas fora da Península Ibérica não nos compreendam e por isso tenhamos que falar a língua deles, mas não aceito que os espanhóis não nos percebam. Segundo eles, é mais fácil nós percebermos a língua deles toda entrelaçada e rápida do que eles perceberem a nossa porque falamos depressa. Ora, se falamos depressa demais para eles, até aceito falar devagar, mas nunca me irão convencer que no meu país tenho que falar espanhol.

O povo português só tem que aprender que Portugal é uma nação e que é na união e no orgulho que podemos crescer e tornarmo-nos tão bons ou melhores do que aqueles países que sempre cobiçaram.

### **17. Quais os seus projetos para o futuro?**

Em primeiro lugar, espero acertar no curso ao mudar para gestão. Estou convencida que sim. Depois, penso muito em voltar para os Açores, começar a trabalhar e mais tarde tentar ajudar na evolução das ilhas mais rurais. Mas acho que vou acabar atrás de uma secretária amontoada de papéis numa empresa de São Miguel e a tentar fazer uns trabalhos de jornalismo.

### **Entrevista 2**

Jorge Alarção - arqueólogo – entrevista realizada no Instituto de Arqueologia localizado na Rua Sobre ripas, em Coimbra – nov/2008

#### **1. O grande número de igrejas românicas em Coimbra pode ser entendido como um projeto ou uma casualidade?**

Manifestamente é um projeto e um projeto que nós podemos explicar porque no tempo de D. Afonso Henriques e ainda no tempo de seu imediato sucessor, D. Sancho I, Coimbra foi capital do reino de Portugal. Tanto quanto nós podemos falar capital, nesta época, porque não havia ainda propriamente uma cidade onde o poder central estivesse sediado. O rei e a sua corte andavam constantemente daqui para acolá. Nas suas diversas funções: administrar, justiça, cobrar impostos, e resolver problemas administrativos. Quer dizer, era uma corte com o poder central manifestamente itinerante. Nós sabemos isso através dos “diplomas” do rei, sempre datados com o dia, o mês e o sítio. E sabemos, por exemplo, que este mês o rei estava em Coimbra, no mês seguinte estava em Guimarães, depois ia para Guarda. Portanto andava freqüentemente a deslocar-se. Mas apesar de tudo, Coimbra era o sítio, onde por mais tempo o rei permanecia. Coimbra é nessa altura, no século XII, a cidade principal do país. E só a partir de D. Afonso III, a partir de meados do século XIII é que o rei passou a fixar-se em Lisboa durante muito mais tempo. Nos meados do século XIII, Com D. Afonso III,

Coimbra perdeu essa sua capitalidade, essa sua natureza e condição de cidade principal do reino e essa posição foi assumida por Lisboa.

Sendo Coimbra a cidade principal do reino compreende-se que o rei tenha investido muito na construção de igrejas. Na construção da Sé e de várias outras igrejas românicas. Era preciso monumentalizar a cidade da sua capitalidade. A sua principalidade administrativa tinha de ser concretizada com alguns edifícios, com alguns monumentos que fisicamente traduzissem o caráter principal da cidade. Por isso é que eu digo que manifestamente foi um projeto e não uma casualidade.

## **2. Discorra um pouco sobre o fato do mosteiro de Santa Cruz ter sido escolhido como panteão pelo rei.**

Antes de ter sido escolhido como panteão pelo rei foi escolhido como um mosteiro que o rei protegia muito. O rei e a rainha eram muito devotos de São Teotônio, que foi prior de Santa Cruz, e aquele era um mosteiro que teve uma especial proteção do rei e até também era no mosteiro de Santa Cruz que se guardava o erário régio. O dinheiro da coroa era guardado no mosteiro de Santa Cruz, de maneira que dadas as especiais doações que o rei tinha com Santa Cruz, é natural ter escolhido este mosteiro como panteão. E por outro lado devemos que pensar que o rei deu dinheiro para a construção da Sé, mas a Sé era a catedral, a igreja do bispo, portanto os bispos ficariam enterrados na Sé e o rei, a rainha e seus filhos eram enterrados em outro sítio que seria o panteão régio.